

suplemento cultural

Suplemento Cultural da Revista da Academia Judicial do *julho* 2011
Tribunal de Justiça de Santa Catarina



Estado de
Santa Catarina
Poder Judiciário

CEJUR
Centro de Estudos Jurídicos



Academia Judicial



suplemento cultural

*Suplemento Cultural da Revista da Academia Judicial do julho/2011
Tribunal de Justiça de Santa Catarina*

Ano II – nº 1 – Jul 2011

ISSN 2179-376X

suplemento cultural

Suplemento Cultural da Revista da Academia Judicial do julho/2011
Tribunal de Justiça de Santa Catarina



Ano II – nº 1 – Jul 2011
ISSN 2179-376X



Estado de
Santa Catarina
Poder Judiciário

CEJUR
Centro de Estudos Jurídicos


Academia Judicial



Editora CONCEITO EDITORIAL

Presidente

Salézio Costa

Editora Chefe

Maria Raquel Duarte

Editores

Orides Mezzaroba

Valdemar P. da Luz

Conselho Editorial

André Maia

Adriana Mildart

Aline de C. M. Maia Liberato

Carlos Alberto P. de Castro

Cesar Luiz Pasold

Diego Araujo Campos

Edson Luiz Barbosa

Fauzi Hassan Choukr

Fernando Fernandes de Aquino

Jacinto Coutinho

Jerson Gonçalves C. Junior

João Batista Lazzari

Jonas Machado Ramos

José Antônio Peres Gediel

José Antônio Savaris

Lenio Luiz Streck

Marcelo Alkmim

Martonio Mont'Alverne B. Lima

Renata Elaine Silva

Samantha Ribeiro Meyer Pflug

Sérgio Ricardo F. de Aquino

Theodoro Vicente Agostinho

Vicente Barreto

Wagner Balera

Coordenação Editorial

Marijane R. S. Santos

Projeto Gráfico

Ana Maria Lima

Diagramação

Jonny M. Prochnow

Ilustrações

Rodrigo de Haro (Paris, França - 1939). Pintor, desenhista, gravador, painelista, mosaicista, escritor, poeta e contista. Filho do pintor catarinense Martinho de Haro, Rodrigo veio para o Brasil no ano de seu nascimento, fugindo da segunda grande guerra. É membro da Academia Catarinense de Letras e, mas do que tudo, um intelectual e pensador de grande profundidade, um ser humano maravilhoso e o artista barriga verde vivo de mais expressão no Brasil e no exterior.

Quadro da capa

Intitulada **Vilarejo**, obra do consagrado artista plástico catarinense **Martinho de Haro** (1907-1985), pertence ao acervo do Poder Judiciário de Santa Catarina e adorna o Gabinete da Presidência do Tribunal de Justiça”.

Catálogo na Publicação: Bibliotecária Cristina G. de Amorim CRB-14/898

Suplemento Cultural da Academia Judicial do Tribunal de Justiça de Santa Catarina.
Ano II, n. 1 (2011) – São Paulo: Conceito Editorial, 2011; 20 cm

Anual

Organizador: Academia Judicial

ISSN 2179-376X

76 páginas

1. Poesia 2. Fotos 3. Arte

Data de fechamento: 15 de julho de 2011.

Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo. A violação dos direitos autorais é punível como crime, previsto no Código Penal e na Lei de direitos autorais (Lei nº 9.610, de 19.02.1998).

© Copyright 2011 Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Editora CONCEITO EDITORIAL

Rua Barão de Jaguara, 194 - Mooca, CEP 03105-120 - São Paulo/SP

Fone (11) 3105-0573 / 3104-9774

www.conceitojur.com.br

Comercial – comercial@conceitojur.com.br

Divulgação – divulgacaosp@conceitojur.com.br

Editorial – editorial@conceitojur.com.br

Representante – vendas@conceitojur.com.br

COMPOSIÇÃO DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE SANTA CATARINA

Desembargadores

Des. JOSÉ TRINDADE DOS SANTOS – Presidente
Des. JOSÉ GASPAR RUBICK – 1º Vice Presidente
Des. JOSÉ MAZONI FERREIRA – 2º Vice Presidente
Des. ANTÔNIO DO RÊGO MONTEIRO ROCHA – 3º Vice Presidente
Des. SOLON D'EÇA NEVES – Corregedor Geral da Justiça
Des. CÉSAR AUGUSTO MIMOSO RUIZ ABREU – Vice Corregedor Geral da Justiça

Des. CARLOS PRUDÊNCIO
Des. PEDRO MANOEL ABREU
Des. CLÁUDIO BARRETO DUTRA
Des. NEWTON TRISOTTO
Des. SÉRGIO TORRES PALADINO
Des. IRINEU JOÃO DA SILVA
Des. LUIZ CÉZAR MEDEIROS
Des. VANDERLEI ROMER
Des. ELÁDIO TORRET ROCHA
Des. NELSON J. SCHAEFER MARTINS
Des. JOSÉ VOLPATO DE SOUZA
Des. SÉRGIO ROBERTO BAASCH LUZ
Des. FERNANDO CARIONI
Des. JOSÉ ANTÔNIO TORRES MARQUES
Des. LUIZ CARLOS FREYESLEBEN
Des. RUI FRANCISCO BARREIROS FORTES
Des. MARCO AURÉLIO GASTALDI BUZZI
Des. MARCUS TÚLIO SARTORATO
Des^a. SALETE SILVA SOMMARIVA
Des. RICARDO OROFINO DA LUZ FONTES
Des. SALIM SCHEAD DOS SANTOS
Des^a. MARIA DO ROCIO LUZ SANTA RITTA
Des. CID JOSÉ GOULART JÚNIOR

Des. HILTON CUNHA JÚNIOR
Des. JAIME RAMOS
Des. ALEXANDRE D'IVANENKO
Des. NEWTON JANKE
Des. LÉDIO ROSA DE ANDRADE
Des. MOACYR DE MORAES LIMA FILHO
Des. JORGE HENRIQUE SCHAEFER MARTINS
Des^a. MARLI MOSIMANN VARGAS
Des. SÉRGIO IZIDORO HEIL
Des. JOSÉ CARLOS CARSTENS KÖHLER
Des. JOÃO HENRIQUE BLASI
Des. JORGE LUIZ DE BORBA
Des. VICTOR JOSÉ SEBEM FERREIRA
Des^a. REJANE ANDERSEN
Des. JOEL DIAS FIGUEIRA JÚNIOR
Des. CLÁUDIO VALDYR HELFENSTEIN
Des. RODRIGO ANTÔNIO DA CUNHA
Des. JÂNIO DE SOUZA MACHADO
Des^a. SORAYA NUNES LINS
Des^a. SÔNIA MARIA SCHMITZ
Des. PAULO ROBERTO CAMARGO COSTA
Des. HENRY PETRY JÚNIOR
Des. RAULINO JACÓ BRÜNING
Des. ROBERTO LUCAS PACHECO
Des. JAIRO FERNANDES GONÇALVES
Des. JAIME LUIZ VICARI
Des. JOSÉ INÁCIO SCHAEFER
Des. JOÃO BATISTA GÓES ULYSSÉA
Des. RONEI DANIELLI
Des. LUIZ FERNANDO BOLLER

Juizes de Direito de Segundo Grau

Juiz TÚLIO JOSÉ MOURA PINHEIRO
Juiz RONALDO MORITZ MARTINS DA SILVA
Juiz RICARDO JOSÉ ROESLER
Juiz DOMINGOS PALUDO
Juiz PAULO ROBERTO SARTORATO
Juiz ROBSON LUZ VARELLA
Juiz PAULO HENRIQUE MORITZ MARTINS DA SILVA
Juiz CARLOS ALBERTO CIVINSKI
Juiz RODRIGO TOLENTINO DE CARVALHO COLLAÇO
Juiz DENISE VOLPATO
Juiz CARLOS ADILSON SILVA
Juiz STANLEY DA SILVA BRAGA
Juiz NEWTON VARELLA JÚNIOR
Juiz ALTAMIRO DE OLIVEIRA
Juiz SAUL STEIL
Juiz GILBERTO GOMES DE OLIVEIRA
Juiz RODOLFO CEZAR RIBEIRO DA SILVA TRIDAPALLI
Juiz ODSO CARDOSO FILHO
Juiz JOSÉ EVERALDO SILVA
Juiz VOLNEI CELSO TOMAZINI
Juiz LEOPOLDO AUGUSTO BRÜGGEMANN
Juiz JÚLIO CÉSAR KNOLL
Juíza JANICE GOULART GARCIA UBIALLI
Juíza CLÁUDIA LAMBERT DE FARIA
Juiz FRANCISCO JOSÉ RODRIGUES DE OLIVEIRA NETO
Juíza CÍNTHIA BEATRIZ DA SILVA BITTENCOURT
Juiz JORGE LUIS COSTA BEBER
Juiz GUILHERME NUNES BORN
Juiz EDUARDO MATTOS GALLO JÚNIOR
Juíza MARIA TEREZINHA MENDONÇA DE OLIVEIRA

CENTRO DE ESTUDOS JURÍDICOS – CEJUR

Conselho Técnico-Científico

Des. **JOSÉ TRINDADE DOS SANTOS** – Presidente
Des. **JOSÉ GASPAR RUBIK** – 1º Vice-Presidente
Des. **SOLON D'EÇA NEVES** – Corregedor-Geral da Justiça
Des. **JAIME RAMOS**
Des. **LÉDIO ROSA DE ANDRADE**
Des. **HENRY PETRY JÚNIOR**
Des. **JAIME LUIZ VICARI**

Conselho Editorial

Des. **LÉDIO ROSA DE ANDRADE** – Presidente
Des. **LUIZ CÉZAR MEDEIROS**
Des. **JOÃO HENRIQUE BLASI**
Des. **HENRY PETRY JÚNIOR**
Des. **JAIME LUIZ VICARI**
Juíza **ANA CRISTINA BORBA ALVES**
Juiz **ALEXANDRE MORAIS DA ROSA**

Academia Judicial

Des. **JAIME RAMOS** – Diretor-Executivo
Des. **LÉDIO ROSA DE ANDRADE** – Vice-Diretor-Executivo
Des. **HENRY PETRY JÚNIOR** – Vice-Diretor de Cursos Acadêmicos e Orientação Pedagógica
Des. **JAIME LUIZ VICARI** – Vice-Diretor de Serviços Judiciários

A Academia Judicial do Poder Judiciário de Santa Catarina apresenta ao público a segunda edição do Suplemento Cultural de sua Revista Científica. Além de romper com o conservadorismo que muitas vezes admite apenas uma forma de ver e praticar o Direito, no qual a atividade do jurista resta restrita à memorização de manuais descritivos sobre as normas, pensou-se em ensinar a magistrados e servidores um veículo de manifestação cultural, propiciando a todos a criação artística e a expressão intelectual de outros saberes e percepções objetivas e subjetivas sobre o mundo.

O nosso Suplemento Cultural surgiu envolvido pelo forte desejo de contribuir para a melhoria da prestação jurisdicional e da qualidade de vida de seus operadores, mas, também, cercado de dúvidas e incertezas. Como reagiriam os magistrados e servidores? Haveria interesse na publicação? No meio de tanto trabalho, nossos agentes conseguiriam tempo para mais um esforço? E o público leitor, iria gostar de temas não tradicionais?

Apesar da dificuldade para montar o número comemorativo, a qualidade das poesias, crônicas, fotografias e resenhas elaboradas, juntamente com a formosura editorial e com o embelezamento do volume ocorrido com os desenhos do artista plástico Rodrigo de Haro, fez do Suplemento Cultural um sucesso inesperado. Ele agradou a todos e, melhor do que tudo, criou motivação para novos trabalhos. Magistrados e servidores catarinenses, além de conhecimento jurídico, possuem qualidades artísticas. E as estão publicando.

Esse fato novo no Poder Judiciário de Santa Catarina está gerando muito mais que um espaço artístico e cultural. Diante da possibilidade de sublimação, de se criar momentos de alegria e prazer, o sujeito supera-se, revela-se. Alguns pensamentos do gênio de Oscar Wilde são bem-vindos nesse espaço: “A arte começa onde a imitação acaba”. “Algumas pessoas preferem ser medíocres. Outras, quando resolvem não ser, correm o risco de perder amigos”. “Amar a si mesmo é o começo de um romance que vai durar a vida inteira”. “Aqueles que não fazem nada estão sempre dispostos a criticar os que fazem algo”. “A civilização não é de modo nenhum uma coisa fácil de atingir. Há duas maneiras de um homem alcançá-la. Uma é pela cultura e outra é pela corrupção”.

Sempre guiado por ideais, o Suplemento Cultural da Revista Científica da Academia Judicial aposta na evolução cultural, na expressão artística e na qualidade do conhecimento como formas de possibilitar a melhora da vida em coletividade e de se solidificar os alicerces da democracia como forma de convivência.

Des. Lédio Rosa de Andrade

Presidente do Conselho Editorial do CEJUR

Poemas/Poesias

VIDA DA MINHA VIDA	12
NAÇÃO	14
VELHO NECO	16
OPERÁRIO BRASILEIRO.....	17
É A PRIMAVERA, OU O AMOR?	18
REENCONTRO.....	19
CRIANÇA ESPERANÇA	20
VOCÊ.....	21
SIMPLES PALAVRAS.....	22
ANA	22
BUSCA DE UM OLHAR.....	23
A VIDA NO SONHO REAL.....	24
CUMPRIMENTOS A <i>MA BELLE</i>	26
PAIXÃO DE FILHO DIVIDIDO	28
CONHECIMENTO	29
CALMARIA.....	30
QUESTÃO DE IGUALDADE	31
CRIANÇA.....	31
MENINOS DO RIO	32
TER-TE	32

Contos/Crônicas

A BICICLETA	33
A “BRASILEIRA” DO ROSSIO	37
A CASA DE CADA UM DE NÓS.....	40
O COLAR DO JUSTO.....	42
O APARTAMENTO.....	45
RAZÕES BOLSONARAS.....	48

Fotografias

MEIA PONTE, MEIA ESTRELA.....	50
COQUEIROS.....	51
RIBEIRÃO DA ILHA.....	52
GLACIAR PERITO MORENO.....	53
PARQUE NACIONAL TORRES DEL PAINE.....	53
CANASVIEIRAS.....	54
FORTE SANTANA.....	54
“ALEGORIA DA ALEGRIA”.....	55
PRAIA DO GI.....	56
CAMBARÁ DO SUL.....	57
COSTA DA LAGOA.....	57
A JUSTIÇA DE ALFREDO CESCHIATTI.....	58
ÍNDIO.....	58
BARCO.....	59
CORUJAS.....	59

Resenhas

POESIA RUSSA MODERNA NO BRASIL.....	61
MAIS DO QUE VISTO.....	67
JUÍZES POR BERTOLT BRECHT.....	70
“A FITA BRANCA”.....	72

* O Suplemento Cultural da Academia Judicial – Cejur não se responsabiliza pelas opiniões emitidas pelos autores, nem as endossa, pois elas não representam, necessariamente, o pensamento do Poder Judiciário de Santa Catarina.

VIDA DA MINHA VIDA

ROSIMERE MARINA DE BRITO DOS SANTOS

Você que tanto esperei
Semente que tanto reguei
Flor que não apanhei.

Você que em mim se plantou
Que semente se fez
Mas que não desabrochou.

Você sonho que sonhei
Realidade que vivi
Esperança que em vão guardei
De em meus braços te ninar e te curtir.
Você consolo de minhas noites mal dormidas
De minhas forças enfraquecidas
De minhas lágrimas em vão derramadas
Por não consegui mudar o percurso de sua estrada.
Você que em sonho responde minhas interrogações
Conforta minha dor e interrogações
Me fazendo crer que mesmo separados
Nossos corações estarão sempre ligados.
Você Anjo meu, me faz aceitar e entender,
Que qualquer força seria inútil e nada iria impedir
Que estava escrito que era hora de você partir.
Você que mesmo sem ver e ter,
Amei e Amo
Que carinhos e proteção recebeu
Que em meu ventre guardei
Vida que dentro de mim cresceu
Você que de onde está me faz acreditar
Que o que está escrito não mudará
E sobre isso sempre meditar



Você Filho meu
Que em mim viveu
Que não acalentei nos braços meus
Que é dor amortecida
E que hoje é muito mais Filho de Deus
Mas que para sempre será Vida da Minha Vida

ROSIMERE MARINA DE BRITO DOS SANTOS
Academia Judicial
Secretaria Acadêmica

NAÇÃO

PRISCILA DE AQUINO MARCELINO

Não esquive teu futebol, teu samba, tua alegria
Acredite nos teus recursos naturais
Plante, cultive, colha, deixe o povo ser teu guia
Esqueça a etnia ou a raça, todos somos iguais

No bolso surrado do teu filho dorme um beija-flor
Aquele que dividirá o pão
Enquanto exaltas em teu exílio as araras sem pudor
A cada madrugada perdes mais o teu chão

A aurora parece trazer novidade
Após tantos tormentos e desesperança
Disseram existir nesta vil tristeza; a verdade
Mensurada por uma espada e uma balança

Nos espelhos dos índios e nas caravelas de Cabral
A boa intenção já era anunciada
A mistificação do raro foi algo banal
No comedido céu azul guardava-se a terra inabitada

No lirismo das tuas noites, no plácido descansar
Guarda-se o arsenal descontrolado
Não basta usar da metalinguagem para tudo modificar
O fatídico virou o cotidiano em um processo avançado

Se és bela, és forte, impávida do colosso
Em que caminho andas tu? Em qual esquina morresse?
E as vitórias e todo esforço?
Não adormeça, lembra-te do quanto já vencesse
És detentora de forças inebriantes
De gente que sabe o sentido da palavra nação
E por tudo isso, seja na paz ou em momentos conflitantes
Somos guiados e apaixonados por esta terra de todo coração
Brasil!

PRISCILA DE AQUINO MARCELINO
Assessora para Assuntos Específicos
Academia Judicial



VELHO NECO

Gauchosco, gauchando,
Camperiando, por esse rincão
Sem fim,

Sentindo no âmago do peito,
O minuano gemendo
O meu Rio Grande cantando
E o meu pai galopando...
De bota, espora e guaiaca,
Capa de lona, chapéu de couro,
Bebendo leite da guampa,
Montando seu bueno cavalo,
Marchador, brasino, crinudo!

Que saudades, Manoel,
Meu Velho Neco campeão...
Queixo duro, coração mole...

É prá você meu velho a homenagem,
Porque sei que galopeias
Por estas paragens sempre!
Jogando o laço trançado,
Dominando o potro xucro,
Sentindo o sol aquecer,
Seu espírito aventureiro,
E a aragem fria do vento,
Balançando seus cabelos!



OPERÁRIO BRASILEIRO

De braços e mentes abertas
Prá vida e prá luta,
Desperta o Soldado da classe operária,
Com força e coragem
Seu dia começa,
Com muito trabalho, vontade e energia.

Em todas as áreas
Espaços e lugares
Suas mentes e mãos traçam metas e rumos,
Se sonhos realizam
Em vasos de vidros,
A mesa em que come
O rico e o pobre,
Também fazem pão, estradas e abrigos!

Seus olhos humildes
São mesa ilusão...
Mal ganham o pão
Que alimenta seu dia!
Carregam nos braços
A força constante,
Daqueles que sonham
Com nobre país.

Justiça Social, liberdade, conforto...
Talvez para o filho,
Um futuro de paz.

A ti, Operário,
Minhas mãos estendidas,
Prá juntos lutarmos
Por este país!



Você que de braços e
Mentes abertas,
Labuta o progresso,
A certeza, o porvir,
Enquanto a Poeta,
Com sonhos e metas,
Jogando palavras,
Vivendo incertezas,
Põe fé nesta luta,
De um povo sofrido...
Põe fé no futuro e Crê no Brasil.

É A PRIMAVERA, OU O AMOR?



Alguém bateu a porta,
Fui atender...
Era uma imagem,
Ou um sonho?
Era luz, ou ilusão?

Perguntei: – quem soins?
A felicidade?
A morte?
Mais dor, ou somente desilusão?

Não houve resposta...

Então busquei saber
No brilho daquele olhar,
Na luz e no calor radiante,
Que emanava daquele ser,

E compreendi, com alegria imensa,
E profunda serenidade...
Que não era a Primavera quem chegara,
Era o amor!

REENCONTRO

Será noite quando ele voltar,
De longas ausências, amargurado e triste...
Numa solidão sem fim,
Buscando em mim o amor, que ainda sabe existir,

Haverá estrelas no céu,
E luz no meu olhar...
Haverá paz em minh'alma
E insegurança na dele.....

Mas lhe abrirei a porta, de mansinho...
E estendendo-lhe as mãos,
Oferecerei meus lábios...

Ele saberá então,
Sem qualquer dúvida,
Que o esperei incessantemente,
Na certeza do reencontro,
Que o destino marcou e não adia!



CRIANÇA ESPERANÇA

ERLI ROSE FONSECA

Criança Esperança
Flutua no mundo,
Te ampara o amor.

Criança Esperança
Te quero sorrindo
Pensando e vivendo,
Sonhando e querendo
A fé dos que crêem!

Criança Esperança
Que o mundo a mereça!
Milagre do amor,
Obra prima de Deus.

Que o mundo a mereça,
Criança Esperança,
Depondo suas armas,
Regando suas flores,
Cantando a paz!

Criança Esperança
Sorriso perene,
Sinônimo de paz...
Ensina ao adulto,
Criança Esperança,
Que doce tu és,
Que pura tu és, por isso criança,
Por isso Esperança!

Ensina ao mundo,
Criança Esperança
Que a paz é o ideal.
Que o verde, que o mar,
Que o céu infinito,
E tu, pequenito,
São obras de Deus!

VOCÊ!

JOCELIA ADAM LAZIER



Você que chegou após anos de separação
encontrou sonhos desfeitos e decepções mil...
Mas chegou no momento certo,
Momento em que a vida buscava novos caminhos, apesar do desencantamento
Chegou como um anjo trazendo boas novas
Fazendo ressurgir novos sonhos e esperanças.
A vida que era cinza, de uma hora para outra,
Se enche de cor, como um lindo arco-íris.
Os sonhos adormecidos, surgem cheio de força e
Prontos para se tornarem reais;
Os sentimentos esquecidos no fundo do coração,
Brotam como sementes em terra fértil
Os desejos congelados no fundo da alma,
Se derretem e caem pelo face feito lágrimas.
Você chegou
e seu sorriso me cativou
o brilho de seus olhos penetrou profundamente minha alma
Derrubou a muralha do meu peito
Abrindo espaço para tomar conta do coração
E assim, consigo ver o mundo mais colorido
Pois estou aprendendo a ver com seus olhos
E sentindo com seu coração.

SIMPLES PALAVRAS

Palavras saem feito água
de dentro do coração
e vão se tornando frases
neste simples borrão.
São palavras juntadas
buscando entonação e
transformando em frases
saídas do coração.

Frases curtas ou compridas
com ou sem significado
mas se juntadas ao contesto
se transformam em poema
escrito com o coração.

ANA

Quem é Ana?
Ana, mulher batalhadora!
Que fez de sua vida
Um livro aberto e pronto para escrever novas história;
Ana, mulher de fibra!
Que fez de sua profissão
Um caminho para muitas vitórias.
Ana, mulher persistente!
Que trabalhou sem nunca desistir frente aos obstáculos.
Ana, mulher coração!
Que sempre agiu com a razão
Deixando o coração falar mais alto.
Ana, mulher frágil!
Que com sua fragilidade
Moveu muitas montanhas em seu caminho.
Ana, mulher vitoriosa!
Que mesmo vitoriosa em sua profissão
Ainda tem muitas vitórias para conquistar como mulher.
Ana, mulher que ama!
Ama com coração
Ama como Ana
Simples, forte e vitoriosa.

BUSCA DE UM OLHAR

Que olhar devo ter
ao perceber o seu olhar
desviando do meu falar?
Se te olho profundamente
em busca da tua verdade
Você desvia o olhar
com medo de se entregar.
Insisto em te olhar
pois nos olhos encontramos a verdade
Mas você fala simplesmente
olhando o lado de fora.
Suas palavras ficam vazias
sem a cumplicidade do teu olhar
Mas se suas palavras falassem
por seu olhar
seria muito mais fácil
seu problema encontrar.



A VIDA NO SONHO REAL

SUYAN DE MELO

O sonho que tive agora
lembra um pouco essa vida
a sonhada e a vivida
tem histórias, tem estranhos
tem família e tem remédio
tem amor e tem segredos
tem pirata e espantalho
tataravó, tio-avô e concunhado
naufrágio e bodas de ouro
tem crepe, sushi e tapioca
tem comédias, tem problemas
quase sempre surreais
as comédias e os problemas
tem livros libertos da estante
pendurados na laranjeira-mor
tem jangada, asadelta e submarino
e pernas-que-vos-adoro
tem distâncias impossíveis
que sonhando eu ando a pé
e nem canso
tem mel, hibisco e chá da noite
e a gente colhendo bélias bem maduras
na seção 3-b azul do grande pomar
tem urtiga, vagalume, passeio em Marrocos
e depois a gente brincando no Taj Mahal
o teu nariz pintado de amora
nós alheios ao peso da devoção
do luto de amor de um homem a uma mulher
tem flamingos na lagoa atrás de casa





onde peixes jurássicos cantam em português
tem um clã da tribo dos Quiçás
e não entendem nossa língua
mas apontamos o arco-íris
e eles riem, infantis
em pensamento a gente diz:
as sete cores chegam sempre
na minha horinha de acordar
e nisso eu salto da cama
vou à janela e me vejo estampada
narcisa na poça da chuva
mesmo chovendo o sol tá vindo
acordo cedo
lembra um pouco essa vida
a sonhada e a vivida
eu, sonolenta
e tão ruim de matemática
somo chuva forte + sol fraco
e quero porque quero arco-íris

CUMPRIMENTOS A MA BELLE

SUYAN DE MELO

O meu estado de até então
[silêncio]
não é
por além do que sabes
É que por carta eu avisaria:
a encomenda veio bem, *merci*
pelo perfume lacrado
nas vagens de *vanille*
orquídea inviável
impossível especiaria
a segunda mais rara
na hierarquia das cozinhas
perfume que nem tocaste – só
pra que me chegasse
virgem
Se desse, por carta eu te diria
e quem me dera em tempo
minha alegria no teu dez
de setembro
mas eu saudosa de ti não tenho
pesos ou pesares
sequer prazo de validade
e queria na carta
que o correio francês te entregaria
não mais que uma
por falta de nome, vou dizer
não mais que uma beleza sentimental

que pra ti é que é de sobra
inda mais nesse agora
sem falar na bagunça dos fusos
pra te dizer do meu sorriso e tal
de perto
é certo: um oceano é nada
se nossas mãos cheiram a baunilha
que veio impregnando um envelope desenhado
até o meu carteiro deve estar apaixonado
e por isso e por tudo é que
meu riso e saudade têm mais gosto
e pecam, e pescam bem mais
no oceano dos teus olhos de pergunta
que no g i g a n t e espelho atlântico
não é nada, nada não, querida
é fácil veres que eu tô aí
estás aqui também por isso
e recebes,
por *e-mail* e não pelo tradicional correio,
mas só assim no dez do nove
(qujá releias o ano inteiro)
e com meus dedos imprimindo no teclado
o cheiro sagrado que já sabes
esses tão sinceros
Cumprimentos a *ma belle*
Ça va, Michele



PAIXÃO DE FILHO DIVIDIDO

HILDEMAR MENEGUZZI DE CARVALHO

Quem nessa vida, teve um pai e uma mãe mas foi dividido,
Passou pela profunda dor que rasga o coração
E faz de sua vida uma grande solidão.
Quem nessa vida teve um pai afastado pela mãe,
Não se doou, nem se deu, só chorou.
O mal maior do que viver na solidão
É ter pai e mãe, mas viver longe do pai
Porque a mãe nunca curtiu uma paixão.
É sofrer!
É não ter nada não.



Foto retrata os personagens da peça "Dividindo Eu", do Teatro Dionisos de Joinville, na oportunidade do lançamento do Projeto Alienação Parental, de iniciativa da 2ª Vara de Família, no dia 27/04/11, no Fórum de Joinville. A peça foi contratada com recursos do Juizado Especial Criminal e que está sendo levada a algumas escolas municipais, estaduais e faculdades de Joinville.

HILDEMAR MENEGUZZI DE CARVALHO
Juíza de Direito
2ª Vara da Família / Joinville

CONHECIMENTO

FELIPE DE FARIAS RAMOS

Hoje sei que mais do que teorias, mais do que a necessária revolução anunciada, mais do que a impostergável causa social, mais do que tudo isso, hoje sei que te amo;

Hoje sei que para além de abstrações e pensamentos, para além da Humanidade [chata e impessoal], para além do Homem [penduricalho nefelibata] e sua história cristalizada, hoje...hoje sei que te amo;

Que explodam renovados *big-bangs*, findem-se galáxias no indizível futuro dos milênios vindouros; que acabem água e petróleo [no calor ou no frio insuportável de um prognóstico científico qualquer]; que a catástrofe ambiental se abata sobre nossos tetranetos robóticos [sedentos e famintos nos distantes séculos futuros]. Sei que te amo;

Sei...sei que mais do que as focas em extinção, mais do que o distante casal de ursos polares [espetáculo televisivo], mais do que [os] bichos de estimação, hoje sei que te amo;

Mais do que a *high technology* inominada [de recursos indecifráveis], mais do que a máquina do futuro, do que o progresso das redes globalizadas nesse mundo diminuto, [mais do que a invenção do zero], sei que te amo.

Amo-te, eu sei, assim mesmo: no que te constitui, no que te torna carne e osso; nesta difícil e árdua tarefa de amar o humano...humanamente.

FELIPE DE FARIAS RAMOS

Analista Jurídico / Setor de Selos de Fiscalização da
Corregedoria Geral de Justiça

CALMARIA

Tua vida é importante
bem mais do que podes crer
viva bem, viva bastante,
tenha amor por viver;

Deixe a amargura de lado,
não há razão que mereça
um pranto seu derramado
a vida é especial, não esqueça;

O riso e a dor estão na vida
para a gente se lembrar
de toda a alegria vivida
quando a dor nos faz chorar;

Iludir-se com a esperança
de que é só riso e carinhos
é pensar como criança
que a rosa é sem espinhos;

Ame a vida deste jeito,
não queira tentar mudar
todo mundo tem defeitos
e motivos pra chorar.

Mesmo assim estão na terra
vivendo cada vez mais,
pois, quem só pensa em guerra
esquece que existe a paz.



QUESTÃO DE IGUALDADE

Nem tanto o luxo fútil da riqueza
de quem compra a vida e vende ambição;
nem tanto o lixo farto da pobreza
de quem vende a alma e esmola o pão.

Nem tanto a cor que dita a beleza
e nos sugere pura perfeição;
nem tanto a lágrima do riso ou tristeza
que desce na face e que molha o chão.

Nada na vida é pouco ou demais,
nada se mede pelo azar ou sorte.
o que devemos é viver bem mais

e dar à vida um sentido forte.
pois, o que nos torna finitamente iguais
seria a vida... se não fosse a morte.

CRIANÇA

É a síntese de um sonho
que torna-se realidade
e caminha, lado a lado,
com as esperanças da humanidade;
É a luz do futuro próximo
brilhando em nosso presente,
exílio da paz, fraternidade...
é o grito mais alto da inocência
clamando por mais compreensão
entre os adultos selvagens
é o silêncio apaziguante
no sorriso angelical,
no doce som
do ser menor.

MENINOS DO RIO

GENIVALDO ALBERTO CUSTÓDIO

I
Das dores que o homem sente,
de todas, a mais dolorida,
porque dói eternamente
e cada dia é mais doída,
é a dor de perder para sempre
um filho ou filha querida!

II
É punhal cravando fundo
na alma, e vai fustigando...
tirando a beleza do mundo
e as cores da vida roubando;
Num pesadelo profundo
O coração vai sangrando.

III
Os pais das crianças do Rio,
Vítimas de tanta maldade,
de um idiota... imbecil
que pregava a castidade,
recebem de todo Brasil
total solidariedade.

IV
Meu Deus!
Rogamos que guarde
na Sua paz Celestial
as vítimas de um “bicho” covarde,
fanático sem ideal
Que para o inferno foi tarde
pagar ao diabo o seu mal.

GENIVALDO ALBERTO CUSTÓDIO
Técnico Judiciário Auxiliar
Cartório da 1ª Vara Cível de Balneário Camboriú

TER-TE

ADRIANO ZANOTTO

Queria ter tido
E saber como seria
Nos teus braços envolvidos
A vida nem passaria.
Ter-te sabendo a sensação de ter
Imaginando o que teria: lindo!
Tive a impressão de te ter
Sem nunca ter-te, e indo
Ao encontro do teu terno ser
Suponho o que teria, findo
Com a idéia obcecada de te ter
Não tendo, mas sabendo o que poderia ser
Se tivesse tido.

ADRIANO ZANOTTO
Advogado, Ex-Presidente da OAB/SC, Ex-Procurador
Geral do Estado, Presidente do IPREV

A BICICLETA

SANDER FÉLIX MORAIS

Alguém de vocês já acompanhou de perto um sujeito que tenha muito dinheiro, poder e nenhum escrúpulo? Um sujeito nessas condições demonstra para o mundo que pode tudo. Mas vocês não se enganem com as aparências: ali está um prisioneiro.



* Este conto alcançou o segundo lugar na II Mostra de Talentos do Poder Judiciário de Santa Catarina.

Tanto para o bem quanto para o mal, mexemos com forças bem maiores do que nós. E o sujeito que mexe com o poder, que tem dinheiro e nenhuma honestidade, não precisa fazer força para estar cercado de tipos piores do que ele. É como erguer a vela de um barco num dia de vento. E os maus ventos levam, tanto quanto os bons.

Eu fabrico e comercializo móveis, e já mexi com muito dinheiro, já corrompi o poder, tudo isso sem observar os limites da decência, daquilo que conhecemos como permitido e proibido. Fiz sucesso, muito sucesso. O dinheiro abre muitas portas. Abre tantas, até formar um labirinto. Minha cara de satisfação já esteve em muita coluna social, de jornais de grande circulação. Eu não precisava procurar os negócios: eles vinham até mim.

Minha entrada na ilegalidade começou pela madeira. Era fácil desmatar, fiscalização quase zero. E quando havia fiscalização, bem, sempre se podia equipar a sala de um fiscal com móveis de qualidade. Derrubei muita árvore. Também comercializei sem nota fiscal. Só quando eu estava exportando para a Espanha e vendendo muito em São Paulo eu mudei o contrato social da fábrica. Porque ia dar na vista: microempresa exportando valores significativos para o exterior! Depois que a Polícia Federal me fez responder a um processo por sonegação, apreendendo uma encomenda no porto de Santos, aí também comecei a emitir nota fiscal: saía mais em conta do que os honorários dos advogados.

Agora, vício chama vício, assim como virtude chama virtude. O que realmente me derrubou foi quando eu comecei com as festas depois das reuniões de negócios. Porque aí pegou meu casamento, e me abalou num ponto que era muito importante para mim. A bebida, as casas de prostituição luxuosas, eram quase um complemento obrigatório dos negócios fechados. Há um momento que não conseguimos mais separar as coisas. Estou falando de você se relacionar com universitárias lindas, que poderiam ser colegas de aula da sua filha. Isso já não é apenas um whisky com os amigos: é traição mesmo.

Eu amo minha mulher, ela é ótima, sempre foi. Então, quando começaram os problemas com a Laura a casa literalmente começou a cair. Sem falar que eu tinha descido fundo demais, e certas coisas começavam a pesar, a me sufocar. Até traficante de drogas já queria negócio comigo. Foi no olho desse furacão de grandes lucros, muito exibicionismo, exaustão emocional e certa frustração interior, que eu fui comprar uma terra no interior do Mato Grosso do Sul.

Optei por ir de carro, porque tinha comprado uma caminhonete nova, gostava de dirigir e também porque queria conhecer a região. Levei Marcos Henrique, meu braço direito, comigo. Negócio fechado, quando retornávamos, um pouco antes do município de Aquidauana tentei fazer uma curva ao final de uma descida e não consegui. Não nos machucamos, mas destruí a fren-

te da caminhonete nova. Socorridos, guinchamos o carro até uma oficina em Aquidauana. Alguém me disse que poderíamos chegar em Campo Grande de ônibus, para de lá pegarmos um avião. O trâmite do conserto, da seguradora, eu via depois, pois teria que retornar em dez dias. Só queria voltar para casa.

Naquela hora, me pareceu o mais seguro. Estávamos no meio do nada, com o pantanal por todos os lados. Era um sábado de tarde, o que reduz ainda mais as possibilidades numa cidade do interior, em que muitos estabelecimentos comerciais estão fechados. Não me ocorreu que houvesse uma loja de aluguel de carros. Certamente não havia. Enfim, como disse, depois de um susto, a idéia do ônibus me pareceu confortável.

Era verão, fazia muito calor. Compramos as passagens e o ônibus para Campo Grande saía em meia hora. Foi nesse tempo de espera, no banco de uma rodoviária, que ele apareceu. Era magro, alto, tinha a cara vermelha, não sei se do calor ou da bebida. E ele me contou a sua história.

Estava saindo do trabalho e o pneu da bicicleta furou logo ali, e apontou para uma esquina próxima da rodoviária. Disse que tinha deixado a bicicleta numa borracharia que ficava logo depois da esquina, e apontou novamente na mesma direção. Reclamou do calor, disse que estava trabalhando bastante, insinuou assim uma semana puxada, muito serviço na fábrica. Queria apenas um dinheiro para o conser-

to da bicicleta, pois a despesa o havia pego de surpresa.

Eu dei o dinheiro, bem mais do que ele pensava receber. Lembro como se fosse ontem: ele pegou o dinheiro, agradeceu, se sacudiu todo como se estivesse mesmo muito atrasado para seus compromissos, como se fosse mesmo uma pessoa atarefadíssima, e saiu correndo para pegar sua bicicleta. Lembro das pernas finas correndo, com aquela fragilidade típica dos bêbados, as calças arregaçadas, chinelos de dedo.

Vocês não fazem idéia de como aquilo me emocionou. Aquele bêbado me deu uma noção da dignidade do ser humano como ninguém me poderia dar. Ele só queria uns trocados para a sua cachaça, mas me contou uma história tão digna, tão bonita, de um trabalhador que sofreu um contratempo no percurso para casa, seu esforço na representação foi tão sincero, que aquilo realmente me tocou fundo.

As melhores fibras do meu ser foram acionadas. Eu compreendi, ali, naquela rodoviária do interior do Brasil, no teatro que um bêbado me armou para me tirar uns trocados, que o ser humano está vocacionado para a dignidade. Que não há vício, não há miséria, capaz de apagar no homem o desejo, a memória, daquilo que é digno.

Daquele coitado consumido pelo vício da bebida, que possivelmente não tinha nem emprego, nem bicicleta, eu não via apenas os membros fracos, trêmulos, efeito visível do álcool no

organismo. Eu via o seu sonho, o seu empenho, o seu desejo de dignidade. Eu via mais. Eu via a sua preocupação comigo, a sua necessidade de aceitação social. Por mais que fosse inócua, a preocupação daquele homem com a sociedade era verdadeira. Ele tinha necessidade de representar. E eu estava vendo tudo aquilo que ele queria que eu visse: um trabalhador que se sente até envergonhado de pedir dinheiro, mas, enfim, era um imprevisto.

Eu fingi não ver seu corpo magro, frágil, já com a marca da doença, escravo do seu vício. E eu lhe dei um bom dinheiro, porque ele me tratou como um homem honesto, de uma sociedade boa, um homem para o qual ele precisava representar também uma história muito digna. Vejam: eu estava acostumado a pagar pessoas que não tinham vergonha nenhuma do roubo, do despudor, da mentira, de tudo que não presta. Pessoas que representavam para ter prazer, poder, dinheiro. Vi pessoas serem humilhadas, ofendidas, por pequenas e por grandes somas de dinheiro. Há muito que eu não via uma pessoa representar e ter em tão alta conta o espetáculo da dignidade. Nunca ninguém me tirou dinheiro com tanta gentileza.

Depois desse dia na rodoviária de Aquidauana, minha vida mudou. Mudou porque precisava mudar, mas mudou também por causa do homem da bicicleta. Salvei meu casamento. Os móveis que fabrico são todos com madeira certificada. Pago bem meus funcionários. Pago todos os impostos.

Não preciso dizer que estou cercado de melhores pessoas e que só fecho negócios lícitos. Vocês vão achar que esta é uma história com final feliz, mas não é.

Estou com câncer e vou morrer. Meus dias estão contados. Enquanto isso, faço literatura. E a literatura é uma forma única de conhecimento. Sem ela, vocês jamais saberiam desta história. Então, encerremos com uma última confissão.

Embora eu tenha tido uma formação religiosa, sempre tenha estudado em ótimas escolas confessionais, eu não tenho religião. Depois do meu encontro com o homem da bicicleta, minhas máximas de vida, minha doutrina religiosa, digamos assim, podem ser resumidas em duas perguntas: “O que eu represento para as outras pessoas? O que elas vêem em mim?”

Eu não sei se há céu. Mas se houver, eu quero encontrar o homem da bicicleta lá. Quem sabe assim, junto de um bom Deus, esse Deus misericordioso que as pessoas que têm fé tanto falam, assim, junto desse Deus, eu queria que aquele homem me falasse da sua bicicleta. Quem sabe o paraíso não seja mesmo um pouco daquilo que carregamos no coração?

SANDER FÉLIX MORAIS
Analista Jurídico, 3ª Vara Cível de São José/SC

A “BRASILEIRA” DO ROSSIO*

JOÃO FERNANDO RIBEIRO (*in memoriam*)

Mas, a “brasileira” do Rossio, desfrutava de outros atrativos, que recordados agora á distância, do espaço e do tempo, me infundem uma maior admiração. Quando em 1947 cheguei a Lisboa, estava convencido de que tinha conseguido uma colocação num Organismo Corporativo, visto possuir em meu bolso uma carta expedida pela Secretaria da Presidência do Conselho, a qual dava direito a uma audiência com o Subsecretário do Estado das Corporações e Providência Social. Saí da minha terra natal, portanto, com o coração repleto de esperanças e com toda a minha fortuna – duas notas de cem escudos e mais alguns miúdos. Todavia, essa esperança chegou a desvanecer-se por completo. Durante seis longos meses atravessei as ruas de Lisboa de lês-a-lés, à chuva e ao sol, e só depois de ter arranjado um

modesto lugar no escritório de uma fábrica na Damais, para além de Benfica, onde trabalhei um mês, é que consegui entrar a concurso para o referido Organismo Corporativo.

Passei horas amargas nessa Lisboa vaidosa. Valeu-me um amigo da infância, o Silvilo, empregado da Empresa Geral de Transportes, que morava na Rua Mato Grosso, à Graça onde várias vezes bati à porta e minha irmã, a quem eu, de quando em vez mandava um S.O.S.

Mas o meu paradeiro, com dinheiro ou sem ele, era a “Brasileira”. Sempre inspiração. O porteiro, um velho simpático, metido num sobretudo cinzento, sempre muito limpo e barbeado, conforme indicava a sua posição, me fornecia papel para escrever... a prazo ilimitado, cigarros e todos os jornais e revistas que eu, após a leitura, devolvia. Quase sempre quem servia o setor

* Conto premiado em Portugal em 1955.

da minha mesa era o Leão, que mais tarde, soube deixar a “Brasileira”. Era um empregado amável, distinto e solícito para todos os clientes. Não sei se ainda lhe fiquei a dever algum dinheiro – creio que sim, porque, no tempo da fome, isso é tão natural como a chuva cair no inverno.

Um dia, para cúmulo da minha desgraça, nasceu-me uma inflamação na garganta – era uma angina diftérica. Não podia comer, o que veio ao encontro da satisfação do meu bolso sem dinheiro. Mas, em contrapartida, só me apetecia era beber refrigerantes, coisas bem mais caras que o simples cafezinho. A barba já estava grande e a própria vontade pela luta estava sumindo. Aqui era a derrocada. Mas o Leão que conhecia tanta gente, lá me entregou a um médico do Instituto Câmara Pestana. Fiquei como um pêro de um dia para o outro. Corriam uns boatos a respeito do Leão... mas eu conheci o Leão como um animal bem manso.

Um dia morreu o Cardoso – porteiro. Já eu era funcionário. Fui acompanhá-lo à sua última residência, no Alto de São João. Pareceu-me que a porta da velha “Brasileira” ficou para sempre vazia. Travei então conhecimento com a velha que vendia jornais defronte da porta, mulher que passava todo santo dia dependurada em duas muletas, nelas apoiado o corpo, lotes de jornais e revistas e a algibeira do dinheiro que caia sobre um avental tão gorduroso

que servia de espelho a quem passava. Ela me fornecia todos os periódicos a troco de cinqüenta centavos. Pouco tempo viveu depois do Cardoso. Descansaram as muletas....e ela.

Todos os anos, quando ia de férias para a minha terra, não deixava de me despedir dos empregados da “Brasileira”. Era um Mês que eu passava fora desse convívio, lá longe, nas paragens altas do Minho. Mas em 1953, no dia 29 de agosto, exatamente, igual como quando ia de férias para a minha província natal, deles me fui despedir – só



que em vez de me dirigir para a estação do Rossio ou de Santa Apolónia, tomei um táxi e rumei para a Rocha do Conde de Óbidos, onde um navio me esperava. Ficou o Atlântico a separar-me desse Café lendário que empaceira na história de Lisboa ao lado da “Brasileira” do Chiado e do Martinho.

Nele ficou uma partícula do meu destino, partícula que eu agora recordo, à distância tributando esta oração de saudade a essas figuras que se cruzaram comigo neste caminho da vida.

Agora, que estou longe, separado pelas águas que os portugueses de quinhentos anos violaram audaciosamente, sito-me inclinado, - talvez por um imperativo da saudade – a avisar algumas imagens de Lisboa, dessa lendária que a minha alma viveu. Tento impedir que se estume para sempre o quadro caprichoso dessa capital que a Natureza pintou com as cores mais rutilantes. Semeando-a de histórias enigmáticas, de figuras de todas as épocas, que avança com eterna vitalidade a linha imparável do tempo.

Apertei a Lisboa com o coração repleto de poesia, a poesia que a mocidade gera espontaneamente, e logo a minha alma se casou com essa poética que apaixonou os maiores vates da língua portuguesa. Corri as margens sonolentas do Tejo, auscultando os sonhos das ninfas que prenderam Camões, foi vê-lo de longe de São Vicente, e fiz embalar a minha vida, por

várias vezes, nos varineis que o sulcavam. De noite, quando Lisboa inteira se movimenta, despreocupada, galante, vaidosa na calidez do seu verão atlântico, quantas vezes me debrucei sonhando não sei que, no mirante de São Pedro de Alcântara..... A dois passos ao fundo, nos Restaurantes e no Rossio, a multidão elegante passeava compassadamente, mirando-se em espelhos luminosos de furtacores.

Invariavelmente era meu pouso a velha “Brasileira” do Rossio. Sempre me prendeu o seu ambiente, caracterizador pela sua montagem antiga de mesas redondas em mármore negro, assentos em caprichosos trabalhos de serralheria civil. De um lado, uma longa fila de espelhos, encastoados em talha sutil, e do outro, a copa, onde um grupo de empregados bem fardados, com charleteiras dobradas, aguardava os pedidos. À Entrada do lado esquerdo, situava-se a mesa de minha preferência, pois ela confinava com outra que se encostava à longa vitrine que dava para o Rossio, e onde, quatro inveterados “habitués” passavam todas as horas do dia. Nesta mesa se discutiam os mais complexos problemas universais, se decifravam com veracidade fluente todas as grandes leis que regem a Humanidade. Eles procuravam atrair um ouvinte... para que no fim, depois de longa palestra, pagasse a despesa, e se possível ainda emprestasse algum. Da minha mesa, eu aguçava o ouvido.... e

A CASA DE CADA UM DE NÓS

ERLI ROSE FONSECA



Era uma vez..... um gato xadrez? Não, era uma vez um lugar chamado Ilusão. Naquele local havia uma grande confusão, muita gente esquisita e muitas situações esdrúxulas. A menina que tinha 11 anos de idade, era feia, cabeluda, vestia um vestidinho azul escuro com decote quadrado e andava sempre descalça; os cachorros eram magros e agressivos. Devoravam aipim cru e atacavam os depósitos de alimentos dos vizinhos.

O pai da família era bravo e taciturno, mas as vezes demonstrava muita emoção e era amoroso.

– E a mãe? Uma figura.....bonita, mas sofrida; triste, mas corajosa; cheia de fé, mas desiludida. Resignada! Tão resignada com tudo que dava dó!

– E o local? Bem, o lugar deve ser descrito com vagar e em detalhes. A casa de madeira era pintada de um amarelo sofrido, com sótão baixinho, onde se guardava pedaços enormes de sabão feito em casa. No meio dos pedaços de sabão que secavam sobre bancos de madeira, estava sempre um solitário boneco de borracha, chamado João.

– O que ele fazia lá?

– Trabalhava, ora! Era esposo da linda e pequenina boneca Maria Alice. Para a Fábrica de Sabão ia todos os dias trabalhar, como operário.

Há, existiam muitas árvores ao redor da casa, quase formando uma floresta. O porão era úmido e o poço de água gelado.

As galinhas e seus pintinhos amarelos, andavam soltos nos pátios, defendendo-se das patas das vacas e dos cavalos, que também andavam soltos.

– Haviam flores?

– Poucas e plantadas em vasos de barro, grande e feios.

O telhado da casa era escuro e quando chovia, caía mais água dentro de casa do que fora dela. Os colchões eram de palha de milho, rasgadas.

O armário velho de madeira, muito pequeno, as “coisas” constantemente caíam fora dele. Por isso a menina feia, quando cresceu, dizia: - “*minha*

cabeça está como um armário velho. As coisas estão caindo!”.

As outras crianças também eram feias, com exceção de uma que, loirinha e de olho azul, bundudinha, quando corria rebolava, para delícia de seus irmãos....

Mas naquele lugar chamado Ilusão, as crianças aprendiam a ser dignos.

Certo dia a menina feíinha e de cabelos desgrenhados, foi na casa da vizinha e furtou batata-doce assada, do forno de tijolos de barro.

Tamanho era o medo que sentiu de Deus ou do Diabo, que no final do mês, quando o Padre veio para rezar a missa na Vila, ela foi confessar seu pecado.

Mas todos sonhavam!

Sonhavam e lutavam, tanto que acabaram, menina loirinha, menina feia e irmãozinhos tristes, mudando-se para um local chamado Razão.

Anos depois, foram viver em lugares distantes, uns em Templos Religiosos; outros na Casa da Esperança; na Casa da Fé; na Casa do Amor; na Casa do Ódio e na Casa da Dor.

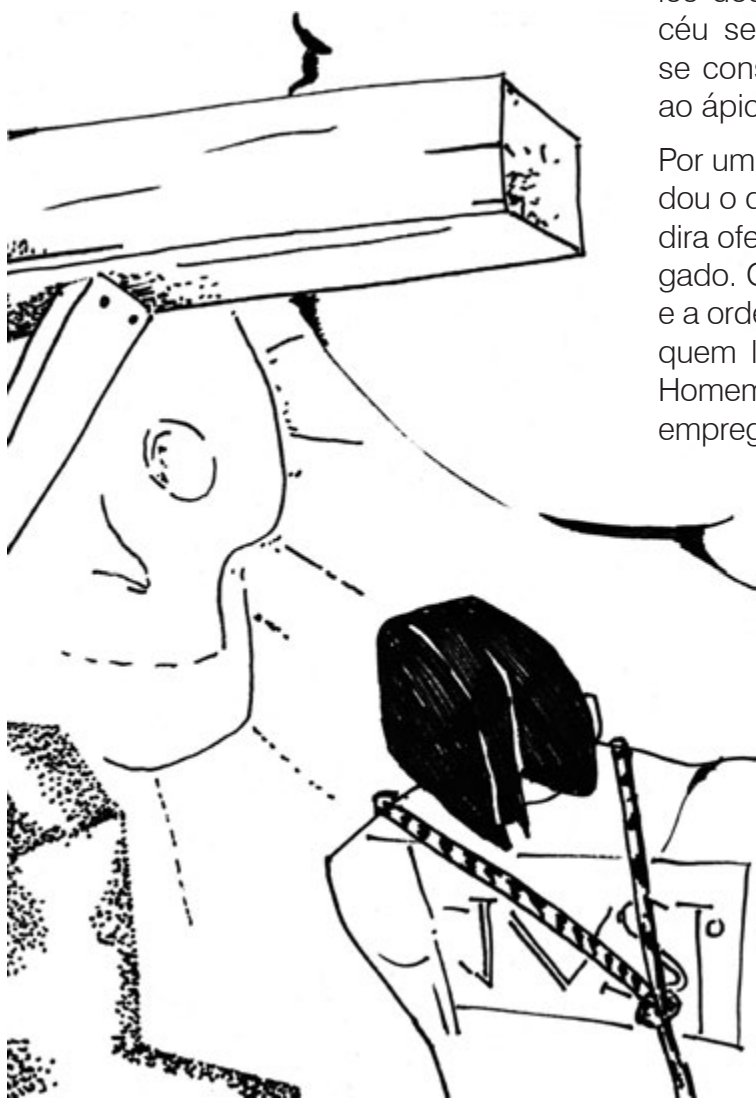
E a menina feia? Parou um pouco de sonhar. Transformou várias moradas por onde passou em uma única. Tirou de dentro da casa os antigos moradores, Desesperança, Medo e Culpa e transformou o lugar na Casa da Coragem, do Perdão, da Fé e do Amor.

O COLAR DO JUSTO

LUIZ EDUARDO RIBEIRO FREYESLEBEN

Quis o dia vê-lo livrar-se de suas excrescências em frente à multidão, com um profundo sulco de colar no pescoço e os membros trêmulos dos agônicos. As flechas luminosas do céu sem nuvens transpassavam-lhe, como se conspirassem com o universo para levar ao ápice suas misérias.

Por um átimo antes de faltar-lhe o chão recordou o dia da chegada. Recém formado, decidira ofertar aos pobres os préstimos de advogado. Ouvira falar que em Santo Antônio a lei e a ordem eram o Coronel Honório. Não havia quem lhe ditasse normas, aprazia-lhe dizer. Homem rígido, o coronel dava à vergasta bom emprego a quem lhe olhasse de viés.



Instalou-se na única hospedaria e distribuiu no quarto empoeirado o pouco que trazia consigo. O verde da pintura intercalava-se ao acinzentado do cimento à mostra. Havia inscrições nos cantos, deixadas por viajantes, como estudantes a rabiscarem as carteiras. A cama dura e sem lençóis estava à esquerda da porta. Ao fundo uma janela com venezianas quebradas recortava o concreto. À direita havia uma escrivaninha antiga, cheia de entalhes. Parecia que as pernas de madeira se desfariam em milhares de lascas se um inseto atrevido ali pousasse. Sobre ela havia um bloco de anotações, um lápis quebrado, um caixilho, uma bacia amassada e uma jarra com água. Lavou-se e saiu.

Andou pelas ruas acarpetadas com um fino barro vermelho que tingia as poucas casas. Sentia os olhares dos passantes não como impulsos de curiosidade, mas como furtivos compartilhamentos de angústia. Nos grupos taciturnos não havia homens adultos. Mulheres seguiam ao trabalho cabisbaixas, arquejadas, enxadas ao ombro, divisando as sandálias encardidas. Seguiam-lhes muitas crianças com a mesma expressão de apatia das mães. Lembrava-se das intermináveis algazarras infantis com os primos, dos banhos de rio, das explorações de cavernas e dos jogos de futebol. Estranhou aquelas feições inapetentes por não casarem com a ideia que conservava da infância.

Ao deixar as ruas principais deparou com uma construção lúgubre. Foi

atendido por um rapaz imberbe. Tinha a farda puída e os botins mal engraxados, cobertos pela onipresente poeira rubra. Enredava-lhe o ombro uma alça de couro da qual pendia uma espingarda de cano longo. O jovem Dr. Justo Silveira, era esse o nome, apresentou-se ao soldado e perguntou pelo delegado. - Senhor, em Santo Antônio não há delegado -, foi a resposta obtida. - E quem é o juiz? – Em Santo Antônio não há juízes. – Onde está a relação de presos? – Nunca houve uma. – Quais os motivos das prisões? – Só quem sabe é o Coronel Honório.

O Dr. Justo Silveira aproximou-se dos gradis que projetavam sombras indeléveis naqueles seres desgarrados. Ouviam-se os sussurros da desesperança. Pouco a pouco, um por um se achegava à frente da cela. Tinham o mesmo aspecto de animal leproso. Mostravam a custo os dentes faltos, entremeados pelos tocos pontiagudos de seus restos. Fios de imundície escorriam lentamente de suas cabeças até as bocas murmurantes e toldavam os derradeiros traços de humanidade. De tão iguais em suas desgraças, eram como uma massa única de corpos fundidos, retorcidos e agrupados na forja ignóbil da injustiça dos ditadores.

Ouviu longamente as vozes mortíferas e decifrou o que se passava. Eram pais cujos filhos famélicos furtaram os doces frutos do coronel, eram maridos das mulheres insubmissas aos desejos menores do coronel, eram os inaptos ao trabalho, eram os críticos à falta de médicos no povoado, eram

os questionadores dos preços das mercadorias no armazém do coronel e eram todos os descontentes com a forma como o coronel regia suas vidas de bonecos articulados. Os motivos eram todos e nenhum. Só então o Dr. Justo Silveira compreendeu que o arbítrio nunca precisou de porquês.

Ao retornar à hospedaria pôs-se a escrever uma carta ao governador provincial. Não havia a quem pudesse recorrer em instância inferior. O Coronel Honório era alcaide, legislador, polícia, tutor, conselheiro e julgador. Escrevia enquanto o sino da capela dobrava pela penúria dos fiéis, embalado por um pároco conformado e submisso não a Deus, mas a quem lhe fazia as vezes.

Na missiva o Dr. Justo Silveira expunha a indignação com as acusações infundadas, as prisões sem processo, os julgamentos sem regras, as condições dos encarcerados, as punições ilegítimas e os isolamentos extremos que faziam dos homens de Santo Antônio um agrupamento inerme de degredados na própria terra de que provinham.

Mal fechou o envelope com a saliva ácida, invadiram seus aposentos sem mais palavras. Levaram-no à presença do temido Coronel Honório, que o fitava pelo monóculo e cofiava incessantemente as pontas do bigode encanecido. Tiritava os dedos na mesa, onde acomodara a arma, erguendo o

nariz de águia entre as rugas fundas. O calor formava no ar uma camada espessa e dava ao Dr. Justo Silveira a sensação de sufocamento. O coronel empertigou-se, ajeitou o chapéu e o sentenciou sem recurso: “condenado à força por alta traição”. Deu-lhe as costas e nada mais disse.

Nesse momento, em toda Santo Antônio, os relógios derreteram e os bueiros encheram-se de caudais metálicos como rios de prata. Duas centenas de pássaros eclipsaram o sol abrasador. Formavam na tela azul figuras desconcertantes. Trocavam as penas negras e arremessavam-se contra os muros. Bicavam os olhos um dos outros e batiam as asas com estrépito, em um balé frenético.

Dias depois o condenado foi levado sem piedade ao cadafalso para ter a alma extirpada e seus líquidos humilhantemente vertidos à vista dos gentios. Ouviu gritos. Não eram de protesto, mas de excitação. Bradavam: “morte ao forasteiro”. Eram as mesmas mulheres por cujos maridos tinha rompido o conforto do imobilismo. Sentiu-lhe faltar o apoio. O corpo pesado balouçava como um extertorante pêndulo de carne. Com um sabor de desencanto na boca, finalmente suas pupilas enegreceram pela definitiva cegueira da morte, cegueira que não era sua, mas de todos os que lá estavam.

O APARTAMENTO

CLÁUDIO EDUARDO REGIS DE FIGUEIREDO E SILVA

Com a entrada pela rua mais movimentada da cidade e uma vista deslumbrante da baía sul no janelão sempre aberto, o apartamento era atropelado de objetos antigos e exóticos do mundo todo, numa mistura de estúdio com museu de arte. Tudo ali chamava a atenção do visitante, desde o piano importado, coisa rara naquela época, ao fósil de peixe do Cariri enfeitando a mesinha de centro.

Entre prateleiras cheias de livros e discos, havia vários Quixotes em gravura, madeira ou metal, anjos barrocos, pássaros, xícaras, copos, violinos e partituras espalhados sobre os móveis, e uma pintura dele próprio ainda muito jovem: – “olha como já fui bonito!” Minha preferida era a tela com a espanhola de vestido vermelho e um seio à mostra que ficava perto da porta. Quando me flagrava admirando-a, ele logo dizia ter sido feita por um famoso artista plástico catalão, grande amigo seu – todos eram.

O velho nascido em Barcelona “no ano vinte”, como fazia questão de di-

zer, deixou seu país no final da guerra civil espanhola, quando foi prisioneiro após lutar nas trincheiras, e perdeu seu irmão combatendo o franquismo. Até a década de 1950, circulou pelas principais capitais européias fazendo concertos como solista, acompanhado por piano ou por grandes orquestras. Nessa época, segundo a lenda, teve um *affair* com Ava Gardner durante sua estada em Paris. Era o pouco que contava da sua vida particular. Nunca se casou, talvez por ser tão exigente, certamente por seu gênio muito difícil.

Veio parar na América do Sul, passando no caminho pelas ilhas Canárias e da Madeira. Primeiro morou em Montevideu, onde tocava na orquestra do rádio, com transmissão “ao vivo” naquele tempo. De lá foi a Porto Alegre e Brasília, até chegar ao Recife dos anos 60. Nessa cidade, causou furor ao criar uma orquestra apenas com crianças carentes que nunca tinham tido contato com qualquer instrumento. Durante mais de vinte anos lecionou e se apresentou pelas maiores cidades do nordeste, época em que construiu



sua reputação de maestro competente e professor rigoroso, formando uma legião de alunos espalhados pelas orquestras do mundo, dos quais de vez em quando chegavam notícias.

Depois da aposentadoria em Pernambuco veio para Florianópolis, atendendo ao convite para lecionar na universidade e atraído pelo clima mais ameno do sul, instalando-se no tradicional prédio comercial no centro da capital catarinense, que ainda era pacata

e tranqüila em 1985. Ali dava as aulas particulares num método próprio dele, que inocentemente chamávamos de 'tradicional' – mais tarde, seus livros de estudos e técnica viriam a ser publicados em quatro volumes por uma casa editorial de Madri.

Como eu tocava desde pequeno, animou-me poder ter aula com aquele professor de renome internacional que tinha chegado à cidade, e de quem os amigos já contavam tantas histórias.

Minha aula ia das 10 às 11 horas. Muitas vezes, ao chegar ele estava aquecendo ao violino, tocando um capricho de Paganini ou trecho da partita de Bach. Então, eu esperava colado com o ouvido na porta, mesmo que estivesse atrasado, até ele terminar, quando abria a porta dizendo com voz rouca e carregada de sotaque: "Entre, passa!" Em casa, estava sempre muito bem vestido, de camisa e suspen-

sórios, com o bigodinho bem pintado e aparado, e os fios de cabelo penteados para trás para ocultar a calvície. Logo começava a aula em frente ao espelho de corpo inteiro de moldura esculpida em madeira maciça, para mostrar a postura correta com o instrumento. Fazia tocar as escalas e arpejos passando o arco de modo a tirar um som limpo e vibrante entre empurrões, apertões e alguns adjetivos criativos que inventava.

Nem imaginava que, quando nos encontrávamos depois da aula, nós, alunos, fazíamos graça contando uns aos outros os animadores elogios recebidos do professor: – "Nessa semana ele disse que tenho o som de uma vaca parindo no brejo"... – "Ah, essa ele já me falou! Hoje ele disse que meu violino parece dois gatos no cio".

Se chegasse atrasado, era bronca certa desde o começo da aula. Logo percebia se eu não tivesse estudado em casa naquela semana, o que tornava sua paciência ainda menor. Mas além dos alunos, reclamava de tudo! Dos políticos, do trânsito, do calor, do barulho lá fora, e especialmente do chifruído com megafone que passava no calçadão fazendo anúncios das lojas em liquidação. Interrompia a aula, ia até a janela e gritava chamando o sujeito de "bárbaro" e "medieval". Não sei se o outro ouvia e ainda achava graça, porque assustado na minha timidez adolescente eu não tinha coragem de chegar perto da janela para espiar o que acontecia embaixo na rua. Ia ele então até a cozinha, buscava uma jarra

de água e derramava lá de cima, para azar dos pobres transeuntes que estivessem passando na hora.

Curiosamente, quando o ponteiro chegava ao topo do relógio e ele dizia que a aula tinha acabado, num passe de mágica passava a conversar amavelmente sobre outros assuntos: minha família, os estudos na faculdade de Direito, namoro, música ou cinema. Como se tivesse a obrigação de ser severo apenas durante a aula, tocava algum de seus discos favoritos, uma sinfonia de Brahms, uma sonata de Beethoven ou um quarteto de Schubert, e fazia prestar atenção aos detalhes, ensinando como ouvir a música. Ou então, lia poesias que ele mesmo tinha escrito, e contava histórias sobre sumérios, incas e maias, seu assunto preferido. Se estivesse bem disposto, tocava violino ou piano depois da aula. Algo simples como o Vocalise de Rachmaninoff, ou muito difícil, como as Árias Ciganas de Sarasate, seu compositor favorito, e me deixava boquiaberto com tanta sensibilidade após uma hora de rispidez durante a aula.

Outra distração ao fim da aula era a cozinha, especialmente quando ele estava preparando algum prato enquanto me dava aula. Encerrada a lição, ia até o fogão, mostrava a carne no forno ou o tempero do molho que estava fazendo há dois dias. O difícil era concentrar-me na música, quando o cheiro do bacalhau que ele comia toda semana, ou do cordeiro assado chegava invadindo a sala, principalmente quando se está com aquela fome que só se

tem aos dezessete anos. Aos poucos, começou a mostrar como preparava as beringelas, gazpachos, saladas, polvos, camarões, salmões, pucheros, paletas e pernis. Cada paella renderia outra história. Dizia que aprendeu a cozinhar forçado pela saudade de comer os pratos de sua terra.

Depois de algum tempo, já advogado, ele me convidava para tomar um aperitivo e além de provar a comida, passou a me convidar para o almoço, o que sempre era uma ocasião especial. Quando casei e fui morar no interior, passou a vir à minha casa todos os anos nas férias de verão, quando então eu fazia peixe para ele. Falava então que se não conseguira me ensinar a tocar violino, pelo menos me ensinara a cozinhar.

Em 1999 ele vendeu o apartamento com tudo o que tinha dentro e voltou para Barcelona. Dizia que Florianópolis estava muito violenta para uma pessoa de sua idade, e que um país onde até os remédios estavam sendo falsificados não oferecia condições para alguém nas suas condições. Na verdade, esperava ver o fim, que ele dizia estar se aproximando, no país onde nasceu. Não ficaria lá muito tempo. Um ano depois estava morando de novo na ilha, pois seus amigos estavam todos aqui.

CLÁUDIO EDUARDO REGIS DE FIGUEIREDO E SILVA
Juiz 2ª Vara Cível do Foro do Continente
Comarca da Capital

RAZÕES BOLSONARAS

LÉO ROSA DE ANDRADE

Amiga minha cumpria os trâmites de hospedagem em um hotel. Tripulantes de uma aeronave hospedavam-se no mesmo local. Gente simpática, elegante e de fácil comunicação. Por qualquer razão, aconteceu de uma aeromoça não apreciar o quarto que lhe caberia. Ficou tristonha. Amiga minha foi gentil: no seu apartamento havia cama sobrando. Aeromoça hesitou, mas foi vencida pela oferta amável.

Havia o que fazer na noite. Banho: uma na banheira, outra no box. Amiga fez convite discreto: “a água tá bem quente, não quer entrar?” A convidada entrou: “tá gostosa... mas não queria incomodar.” E se puseram em conversa. Então, Amiga pediu sabonete; Aeromoça se ofereceu para ensaboar. A carícia das mãos pelo corpo instigou a imaginação, despertou a vontade. Os toques, o enxugarem-se, o passar os

cremes foram as preliminares de uma experiência amorosa.

Amores tais como esse ferem os “bons costumes”. Os bolsonaros são contra e arma a maior confusão. O Bolsonaro é um caricato cruzado da moral antiga. Ladino, escandaloso, se oferece fácil às críticas e ganha mídia. O Bolsonaro, em si, não me preocupa. Outro aspecto dessa questão homofóbica é que me inquieta: o discurso desse deputado histriônico é repetido com os mesmos conteúdos, a mesma ênfase e muito mais abrangência por vezes bem mais poderosas.

O Supremo Tribunal Federal recém julgou e decidiu que deve ser reconhecida legalmente a união estável de casais homossexuais. Lá, durante o julgamento, uma influente fala se insurgia contra tais direitos: a igreja católica. Essa instituição deu-se à obstina-

ção de constituir advogado para opor resistência à causa, e ele insultou a homoafetividade o quanto pôde. Sim, com dizeres e teores jurídicos, mas com igual ranço ideológico. E mais, vencido no veredito, deu-se a impropérios.

Essa é a parte não explicada do comportamento nacional que me abisma. O silêncio subserviente diante do reacionarismo, dependendo do reacionário. Ora, a resistência democrática não é ao Bolsonaro. O Bolsonaro é um episódio desagradável, mas marginal. Ele não cria uma onda conservadora, mas se sustenta nela. Essa onda colérica é de fundo e de frente católica e evangélica. O proselitismo contra os homossexuais é causa diária de padres e pastores.

A indignação democrática seletiva contra o Bolsonaro, ou não é lúcida, ou não é honesta. O Bolsonaro, se

não é só um oportunista em busca de votos, também não é mais do que um caso de fixação em homossexualismo (vide Beleza Americana, o filme). Mas as palavras do advogado da CNBB são institucionais, e essa instituição é o maior aparelho ideológico do Brasil. Estranhamente, o silêncio a respeito foi geral.

A França restaurou o direito à felicidade. Os EUA abrigaram-no em sua Constituição. O Iluminismo, ainda não como o sol, mas já como um lume que aponta o caminho, ensina que cada qual pode ser feliz a seu modo. Amiga e Aeromoça, quando podem, encontram-se para namorar. As ideias civilizadas o permitem. As ideias bolsonaras de dar porrada em filhos, ofender raça ou opção sexual são medievais. Às vezes imagino: e se os bolsonaros dessem... bem, deixa pra lá, isso é problema deles.

LÉO ROSA DE ANDRADE
Doutor em Direito pela UFSC.
Psicólogo e Jornalista. Professor da Unisul.

KLEBER STEINBACH



MEIA PONTE, MEIA ESTRELA

Uma imagem do lado de fora da ponte Hercílio Luz – não que ela não seja fotogênica – mas acho que um foto tirada de cima dela pode ser tão bela quanto.



COQUEIROS

Foto noturna do Parque de Coqueiros. Alguns olhavam desconfiados enquanto me aproximava com algo que parecia uma arma. Os olhares relaxavam quando percebiam que era uma câmera em um tripé.”

KLEBER STEINBACH
Técnico Judiciário Auxiliar da Divisão de Compras / DMP



RIBEIRÃO DA ILHA

Ribeirão da Ilha, distrito de Florianópolis/SC, muito se parece com um ambiente oriental, pela singeleza e pela leveza da imagem.

ANTÔNIO CARLOS FILOMENO MACHADO
Bel. em Direito/Univali; Bel. em Sociologia/Univali;
Bel. em Ed. Artística – Hab em Artes Plásticas / UDESC
Chefe de Cartório da 5ª Vara Cível da Capital



GLACIAR PERITO MORENO, EL CALAFATE – ARGENTINA
“Quando canta o azul da água,
a que cheira o rumor do céu?”
Pablo Neruda

KAREN NEUMANN



PARQUE NACIONAL TORRES DEL PAINE – CHILE
“Se todos os rios são doces de onde o mar tira o sal?” Pablo Neruda

ANA PAULA MARTINS DE ALMEIDA



CANASVIEIRAS



FORTE SANTANA

“... a terra é mais que boa; quem disser o contrário, mente.”
(tópico de uma carta escrita por Francisco Dias Velho desta ilha, a 20 de 1681)

ANA PAULA MARTINS DE ALMEIDA
Técnica Judiciária Auxiliar
Diretoria de Orçamento e Finanças

ROGÉRIO FONSECA



Quadro: "ALEGORIA DA ALEGRIA"

Ganhou o 2º lugar na Primeira Mostra de Talentos do Poder Judiciário.

Rogério Fonseca

Digitador / Divisão de Acompanhamento e Desenvolvimento de Pessoal / DRH



PRAIA DO GI – Laguna/SC

Durante o X Encontro dos Técnicos de Suporte em Informática em Laguna, tive a oportunidade de conhecer a bela e encantada Praia do Gi. Também consegui apreciar o pôr e o nascer do sol. Quem acorda cedo tem chance de presenciar o espetáculo que o sol e o mar desenharam o crepúsculo matinal.

NELSON
YOSHINORI HAMASAKI



PRAIA DO GI – Laguna/SC

Nelson Yoshinori Hamasaki
TSI – Comarca de Canoinhas



CAMBARÁ DO SUL / RS

No Parque Nacional dos Aparados da Serra, Rio Grande do Sul, do cânion Itambeziñho, o mais famoso do parque, sua extensão chega a 5.800 metros e sua altura é de 720 metros. São formações rochosas de pelo menos 130 milhões de anos que parecem ter sido “aparadas” de maneira minuciosa.

PRISCILA DE AQUINO MARCELINO

COSTA DA LAGOA – Florianópolis/SC

Antigamente conhecida como “celeiro da ilha”, mais especificamente no Canto dos Araças, com acesso por trilha composta de sobrados, engenhos, casarões, usinas e longa história de cultura ou por embarcações.



Priscila de Aquino Marcelino
Assessora para Assuntos Específicos
Academia Judicial

ANA PAULA BORGES MARTINS

Estátua – A JUSTIÇA DE ALFREDO CESCHIATTI
Ela é monitorada por guardas no local dia e noite, por ser foco favorito de vandalismo.



ÍNDIO
Manifestação de índios na Esplanada dos Ministérios.

ANA PAULA BORGES MARTINS
Estudante de Direito na Universidade
Federal de Santa Catarina, visita à
Brasília no XXXI Encontro Nacional dos
Estudantes de Direito em julho de 2010.

JULIO CESAR KNOLL



BARCO

A tranquilidade de uma vida simples, regrada, na essência, pela sempre generosa natureza.

CORUJAS

As caretas das corujas no cuidado de ninho e seus filhos, na manutenção da linhagem.



JULIO CESAR KNOLL

Juiz em Tubarão – Vara da Fazenda Pública, Executivos Fiscais, Acidentes de Trabalho e Registros Públicos

Resenhas

POESIA RUSSA MODERNA NO BRASIL

LUIS CARLOS CANCELLIER DE OLIVO

Introdução

O presente texto pretende encontrar elementos que justifiquem a inclusão da obra *Poesia Russa Moderna* no centro do sistema cultural brasileiro, a partir do conceito de polisistema de Even-Zohar. Procura evidenciar, de um lado, que existe afinidade estética entre os organizadores da *Antologia da poesia russa moderna* e os poetas concretistas, futuristas e vanguardistas, e de outro, que boa parte destes poetas pertence ao cânone literário, tanto na Rússia quanto no Brasil.

São dois requisitos necessários para retirar a obra de uma posição periférica no ordenamento cultural brasileiro e inseri-la no centro da produção cultural nacional. Para estudar esta possibilidade são utilizadas as seleções traduzidas do russo para o português por

Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman.

Teorias da tradução

Vista pelo ângulo da teoria polisistêmica de Even-Zohara *Antologia* da poesia russa moderna ocupa uma posição central no polisistema literário brasileiro (de recepção), na medida em que ela “participa ativamente na conformação do centro do polisistema”, criando suas próprias normas e modelos.

A atuação dos irmãos Campos e de Schnaiderman, ao longo das últimas décadas, tanto no que se refere ao movimento concretista quanto aos estudos literários russos, teve repercussão na teoria literária nacional. Naquilo que pode ser entendido como sistema cultural nacional (parte integrante de um polisistema complexo que engloba cultura, educação, linguagem, sociedade, etc), certamente a posição destes autores não é periférica.

A poesia futurista e vanguardista russa está tão presente na poesia concreta brasileira que a sua tradução foi realizada justamente pelas figuras mais destacadas deste movimento no Brasil.

Não é por outro motivo que boa parte dos textos selecionados para a *Antologia* o foram conforme um dos critérios sugeridos por Even-Zohar para posicionar a tradução no centro do polisistema, qual seja, “segundo a compatibilidade com os novos enfoques e o suposto papel inovador que poderiam desempenhar dentro do sistema literário de recepção”. (1996)

Panorama da obra

O objetivo primeiro de uma antologia é possibilitar que o leitor tenha uma visão geral sobre a obra de um determinado autor, de um conjunto de autores ou de uma corrente literária. A antologia sintetiza, condensa e orienta a leitura, pois “Quem lê tem de escolher, pois não há, literalmente, tempo suficiente para ler tudo, mesmo que não se faça mais nada, além disso”. (BLOOM,2001),

Deste modo, a antologia sobre a *Poesia Russa Moderna* cumpre com estes objetivos anunciados. A partir dela, o leitor interessado em conhecer melhor os poetas, seus trabalhos ou as correntes literárias a que se filiam, tem aí um ponto de partida. O trabalho editorial realizado nas três edições possibilita esta compreensão.

Em primeiro lugar as poesias são sumariadas, facilitando a sua localização no livro. As duas primeiras edições apresentam prefácios, repetidos na 6ª, que fornecem o plano de leitura; as notas dos tradutores e as notas de rodapés informam sobre os acréscimos e as situações referenciadas pelos poetas; as ilustrações, utilização de cor, poemas visuais e fotografias são recursos utilizados para dar maior força ao texto poético; as biografias posicionam os autores no contexto histórico em que viveram.

A 1ª edição, *Antologia*, foi editada com 270 páginas; a 2ª, chamada de *Nova Antologia*, com 296 páginas e a 6ª, eliminando tanto o vocábulo *Antologia*

quanto *Nova Antologia*, ficando só *Poesia russa moderna* com 434 páginas. Nenhum deles tem referência à tiragem. Nas duas primeiras as traduções são atribuídas aos irmãos Campos, enquanto que cabe a Schnaiderman o trabalho de revisão, colaboração, apresentação, resumos biográficos e notas. Na 6ª edição Schnaiderman é citado como tradutor.

As poesias são publicadas, em quase sua totalidade, na forma de tradução para o português. Em pequenas ocorrências são reproduzidos os textos originais (bilíngüe). A ordem de apresentação dos poemas é a cronológica.

Nestas três capas estão os três estágios da sociedade russa/soviética do século vinte: chama, calculo, desagregação. As três capas, em vermelho, são a forma do Estado soviético, em suas principais passagens: Lenin, Stalin e Gorbachov.

Falta, observa-se, o ano de cada uma das três edições. A data da edição

deveria vir na capa, para facilitar a referência ao ano em que foi publicada a edição. Este é um dado que deve constar de para contextualizar a produção literária.

Assim, a edição do ano x corresponde a uma análise do período x. Então, os editores, quando editam capas, devem colocar o ano da publicação na capa. Esta é a regra.,

Estética e estilo

Nas três edições de *Poesia Russa Moderna*, há uma preocupação estética em ilustrar as capas no estilo de poesia futurista-concretista, com o uso da cor vermelha, como significado da ruptura. (GUIMARÃES, 2000)

A capa é um dos espaços mais privilegiados do livro, na medida em que ela é a primeira percepção visual que o leitor tem da publicação. Ao invés de uma diagramação neutra, os editores optaram por representar na capa o próprio sentido/objetivo do conteúdo das *Antologias*.



É importante observar o estilo da tradução produzida nesta *Antologia* com idênticos poemas publicados por autores diferentes em livros diversos, como é o caso de *Jubileu*, de Maiakóvski e outro de Anna Akhmátova. O primeiro, traduzido por Haroldo de Campos e Fernando Peixoto, e o segundo, vertido para o português por Augusto de Campos e Lauro Augusto Caldeira Machado Coelho.

Há ainda que se fazer uma referência a duas traduções alternativas, que implicam diferenças na tradução, encontradas na *Antologia*.

Ausências importantes

Embora fique claro que a seleção dos poetas contemplou dois grandes períodos – Idade de Prata e pós-stalinismo – a *Antologia* deixou de fazer referência ao poeta principal da Rússia (Púchkin), que de forma direta influenciou a todos; e a dois poetas russos ganhadores do prêmio Nobel de Literatura (Búnin e Brodsky).

A importância de Aleksander Púchkin (1799-1837), um dos fundadores da literatura russa moderna, é comprovada pelo relato de Fernando Peixoto (1986), em sua obra sobre a vida e obra de Maiakóvski: “Em 1921, Lênin foi visitar uma comunidade de jovens pintores.

O que vocês lêem? Púchkin? Perguntou. Oh, não, Púchkin era um burguês. Nós lemos Maiakóvski, respondeu um garoto. Lênin se limitou a sorrir e a dizer: eu acho Púchkin melhor...

O outro poeta, Ivan Búnin (1870–1953) foi o primeiro escritor russo a receber o prêmio Nobel de Literatura, em 1933. Exilado na França conquistou o reconhecimento da crítica e de escritores como André Gide, Ranier Maria Rilke e Thomas Mann.

Da mesma forma o poeta Iósif Brodsky, que nasceu em Leningrado, em 1940, morreu em Paris no ano de 1996. De acordo com Machado Coelho (1991), Anna Akhmátova foi “a primeira a perceber o originalíssimo talento de Iósif Bródski que, depois de muito tempo preso conseguiu finalmente emigrar para o Ocidente” e ganhar prêmio Nobel de Literatura, em 1987, pelo conjunto de sua obra.

Abertura e transparência

A descoberta de novos textos de poetas russos e a sua tradução para o português são fenômenos que ocorreram basicamente em função de duas circunstâncias. Em primeiro lugar, pelo crescente intercâmbio entre os organizadores da *Antologia* e o sistema literário russo; em segundo, com o advento da *glasnost*, a abertura política promovida no Estado soviético por Mikhail Gorbachov no início da década de 80.

A política cultural soviética, a partir da segunda metade da década de 20 – após a morte de Lênin, portanto -, estava centrada na “remodelação da psicologia da intelectualidade”, procurando fazer com que os intelectuais compreendessem e se aproximassem.

A mais contundente autocrítica em relação ao processo de remodelação

psicológica - que com Stálin assumiu a forma de perseguição política promovida contra a intelectualidade russa - foi patrocinada por Gorbachov em 1987, com a publicação de um livro em que o dirigente soviético explicava os fundamentos da *perestroika* e da *glasnost* (reestruturação e transparência).

Como ressaltou Schnaiderman (1997), a *glasnost* “foi acompanhada de um abrir de gavetas que trouxe à luz numerosos materiais, e estes obrigam a uma revisão de todas as nossas noções sobre a cultura russa a partir de 1917”.

Vista agora, com os olhos do presente, a história da Rússia no século XX, tanto no campo das artes quanto da política, é por ele assim sintetizada: “O sonho foi envolvente demais, o pesadelo, demasiadamente terrível”. (SCHNAIDERMAN, 1997)

Considerações finais

Diante do que foi exposto, é possível afirmar que a poesia russa moderna, ou seja, aquela que se sobrepôs à romântica, desenvolvida ao longo do século XX sob várias formas – simbolismo, acmeísmo, futurismo, cubismo, raionismo, imagismo, realismo - guarda um espaço próprio no contexto literário brasileiro.

É possível atribuir este fato, primordialmente, ao trabalho tradutório e de divulgação, tanto nos círculos editoriais quanto acadêmicos, realizado por Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman.

A leitura das poesias selecionadas na *Antologia* demonstra, além da influência, a afinidade estética e programática entre estes e o que escreviam os russos. As diversas pesquisas realizadas no Brasil ao longo dos últimos anos – John Milton, Fernando Peixoto e Cristóvão Tezza – reforçam tal afirmação.

Ficou evidenciado, da mesma forma, que diversos dos autores incluídos na *Antologia* pertencem ao cânone literário. Prova disso é a eleição realizada pelo jornal *Folha de São Paulo* (2000), na qual foram escolhidos os cem melhores poemas do século XX. Destes, seis foram de autores da *Antologia*.

Em suma, este estudo preliminar procurou verificar a aplicação da teoria do polisistema de Even-Zohara a um caso concreto, identificando os elementos que levam a poesia russa moderna a ocupar um papel de destaque no sistema literário brasileiro.

Referências bibliográficas

AKHMÁTOVA, Anna. *Poemas*.

Organização e Tradução de Lauro Augusto Caldeira Machado Coelho. Porto Alegre: M&PM, 1991.

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BRODSKY, Iosif Alexándrovich.

Disponível em: <<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/b/brodski.htm>>.

CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. *Teoria*

da poesia concreta. 2. ed. São Paulo: Duas cidades, 1975.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *A posición da traducción literária dentro do polisistema literário*. Viceversa – Revista Galega de Traducción, nº 2, 1996.

FRANK, Joseph. *Pelo prisma russo: ensaios sobre literatura e cultura*. Tradução de Paula Cox Rolim e Francisco Achcar. São Paulo: Edusp, 1992. - (Ensaio de Cultura; 1)

GUIMARÃES, Luciano. *A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2000.

MILTON, John. *O clube do livro e a tradução*. Bauru, SP: EdUSC, 2002.

PEIXOTO, Fernando. *Maiakóvski: vida e obra*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

POESIA RUSSA MODERNA. *Antologia*. Tradução de Augusto de

Campos e Haroldo de Campos. Revisão e colaboração de Boris Schnaiderman. São Paulo: Civilização Brasileira, 1968.

POESIA RUSSA MODERNA. *Nova antologia*. Tradução de Augusto de Campos e Haroldo de Campos. Revisão e colaboração de Boris Schnaiderman. 2. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Brasiliense, 1985.

POESIA RUSSA MODERNA. Traduções de Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Boris Schnaiderman. 6. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Perspectiva, 2001. – (Signos;33).

SCHNAIDERMAN, Boris. *Os escombros e o mito: a cultura e o fim da União Soviética*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

TEZZA, Cristóvão. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

LUIS CARLOS CANCELLIER DE OLIVO
Doutor em Direito, professor Adjunto IV da UFSC,
Líder do Grupo de Pesquisa (Cnpq) “Direito e Literatura”

MAIS DO QUE VISTO

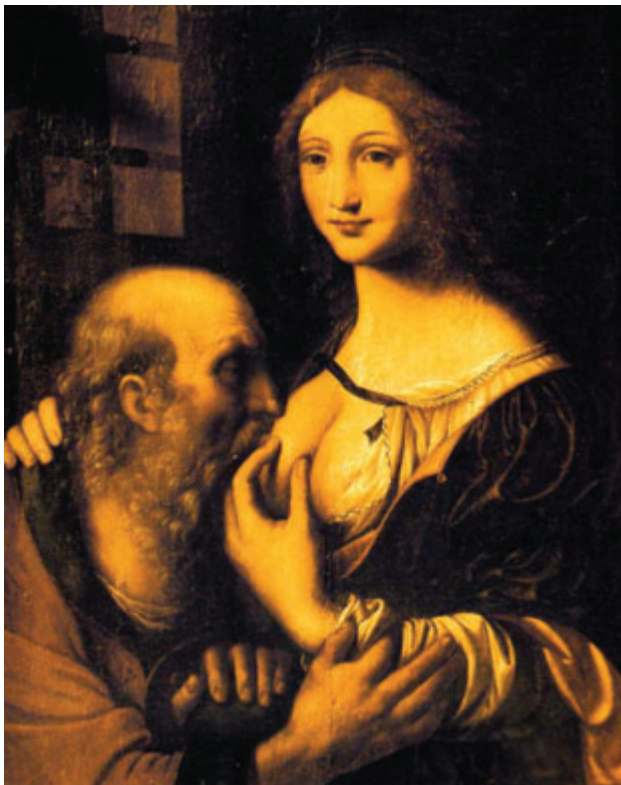
LÉDIO ROSA DE ANDRADE

Um dos pontos fortes da arte é a estética. Entre as artes plásticas, como a escultura, a arquitetura, a fotografia, a pintura e outras formas de expressão artística, é possível ver e deleitar-se com verdadeiras pérolas da produção humana. São imagens impressionantes, de beleza sensível inigualável, com potencial de gerar enorme prazer em quem as aprecia. Paralelo à forma, há significados que, muitas vezes, podem horrorizar.

Particularmente na pintura, em todos os seus estilos, pode-se encontrar quadros maravilhosos, cada um com características próprias, evidenciando a genialidade de seu autor. Em alguns, se destaca a precisão; em outros, as cores, os traços ou a luz; alguns são ilógicos e/ou surreais; mas todos possuem uma mensagem, um conteúdo a ser captado, dando à obra uma certa totalidade. Tais conteúdos podem estar expressos, mas muitos soem ser ocultos, pois se originam diretamente do inconsciente do pintor.

No meio de um universo de obras-primas, torna-se quase impossível eleger uma, a melhor, entre todas. Mas, sem dúvida nenhuma, há a que conduz a um alto grau de sensibilidade, fazendo pensar a quem a contempla, colocando diante dos seus olhos toda uma questão ontológica, numa síntese do próprio dilema da humanidade. Há, também, temas abordados por vários artistas e reproduzidos, cada um a sua forma, em seus trabalhos.

Um desses temas é conhecido sob o título de “A Caridade Romana”. O italiano Bernardino Luini (1480-1532), discípulo mais destacado de Leonardo da Vinci, assim pintou:



A obra encontra-se reproduzida em uma coleção denominada “Historia del Arte”, uma produção da editora Salvat com o jornal espanhol El País. Chama a atenção a forma como o tema é retratado: “Obra alegórica, de encantadora ingenuidade, que ilustra a colaboração desse pintor lombardo, grande colorista, entregue de uma forma fundamental à temática religiosa, a um assunto romano: a filha que alimenta a seu pai prisioneiro.” O famoso pintor flamengo Peter Paul Rubens (1577-1640) também retratou o assunto em dois quadros.



Um terceiro pintor, o espanhol Bartolomé Esteban Murillo (1618-1682), apresentou a seguinte versão:



Uma das características da arte é permitir várias formas de vê-la e/ou de não querer vê-la. Ingenuidade não parece ser o tema do quadro. Pode-se ver nele toda a questão da injustiça em si, misturada ao tabu do incesto. Um pai no cárcere, para a filha, é algo injusto. Passando fome, mais ainda. E ela, a filha, toma a obrigação de fazer justiça, de alimentá-lo, mas com o seio, dando-lhe leite materno. Sua cara é de neutralidade sexual, mas suas mãos denunciam carinhos. Ele mata a fome e troca ternura.

A filha combate a injustiça, transformando-se em mãe alimentadora. Ele, de pai injustiçado, passa a filho, justamente alimentado em atividade incestuosa. Temas cruciais da existência humana. Tabu estruturante da cultura ou civilização. Tormento eterno da humanidade, como nos diz Freud. Restamos saber: como fazer Justiça em um mundo de Injustiça? Como lidar com o incesto? E, pior, como agir quando os dois temas se mesclam?

O leitor que tire sua visão.

LÉDIO ROSA DE ANDRADE
Desembargador do Tribunal de Justiça de Santa Catarina

JUÍZES POR BERTOLT BRECHT

LÉDIO ROSA DE ANDRADE

Todas as ditaduras, tanto no mundo capitalista como no comunista, cada uma a sua forma, mantiveram o Poder Judiciário. Nesses insólitos tempos, os defensores da democracia encontram terríveis momentos, nos quais até mesmo formas simples de expressão representam risco e perigo. Ao contrário, aqueles que sustentam os regimes de força, encontram as mais variadas facilidades e benesses. Os magistrados são detentores de uma forte parcela do poder instituído. Nas

democracias, para não ferirem o regime de liberdade, necessitam obrar com sensatez. Nas ditaduras, podem combatê-la e arriscar a vida, ou se transformar em grande perigo ao dar um verniz de legalidade à barbárie estabelecida. Sobre esses aderentes, o poeta e dramaturgo alemão Bertolt Brecht conseguiu, pela fala da arte, chegar às profundezas da magistratura, diferenciando o que seria um juiz do sistema de um juiz da comunidade. Os textos a seguir expressam mais do que mil manuais.

O que corrompe

Nos primeiros meses de domínio nacional socialista um trabalhador de uma pequena localidade na fronteira tcheca foi condenado à prisão por distribuir panfletos comunistas. Como um de seus cinco filhos havia já morrido de fome, não agradava ao juiz enviá-lo para a cadeia por muito tempo. Perguntou-lhe, então, se ele não estava talvez apenas corrompido pela propaganda comunista. Não sei o que o senhor quer dizer, disse ele, mas meu filho foi corrompido pela fome.

O juiz democrático

Em Los Angeles, diante do juiz que submete a exame os que buscam tornar-se cidadão dos Estados Unidos apresentou-se um taverneiro italiano. Após séria preparação, prejudicada, no entanto, por seu desconhecimento da nova língua, respondeu no exame à pergunta, com hesitação:

Que significa a Emenda nº 8?

1492.

Visto que a lei exige que os candidatos conheçam a língua ele não foi aceito. Retornando

após mais três meses gastos em estudos

mas ainda prejudicado com o desconhecimento da língua

foi-lhe colocada a seguinte pergunta:

Quem foi o general vencedor da Guerra Civil?

Sua resposta em seguida:

1492. (Dita agora em voz alta e com ar alegre.)

Novamente mandado embora

e retornando uma terceira vez, respondeu ele a uma terceira pergunta:

De quantos anos é o mandato do Presidente?

1492.

Então o juiz, que simpatizava com o homem, percebeu que ele

não podia aprender a nova língua, informou-se

como ele ganhava a vida, e soube: trabalhando duro.

Assim, na quarta audiência, colocou-lhe o juiz a seguinte pergunta:

Quando foi o descobrimento da América?

E baseado na sua resposta correta:

1492,

concedeu-lhe a cidadania.

Julgar é isso, agir por um discurso. O primeiro era fascista, o segundo democrático. A opção é de cada um.

LÉDIO ROSA DE ANDRADE

Desembargador do Tribunal de Justiça de Santa Catarina

“A FITA BRANCA”

GRESIELA NUNES DA ROSA

É impressionante pensar que Adolf Hitler tenha formulado uma teoria de extermínio de tão longo alcance e mais impressionante ainda é saber que tal teoria ganhou a realidade prática de maneira tão destrutiva. Mas talvez ainda mais impressionante é saber que sua idéia para ter alcançado a execução prática necessitou e contou com muitos. Não foi Hitler quem pôs em ação toda a sua idéia de extermínio daqueles que segundo ele mesmo eram de estirpe inferior como os testemunhas de Jeová, eslavos, poloneses, ciganos, homossexuais, deficientes físicos e mentais, e, claro, o judeus. Hitler necessitou de muitos outros para colocar em ação suas idéias. E muitíssimos outros estiveram do seu lado, realizando o extermínio de milhares de pessoas. E por que, como, estes outros puderam compactuar com a idéia de Hitler? Como tantos juntos puderam compartilhar uma noção tão equivocada? Esta é uma indagação que desde o acontecido está presente no pensamento de muitos. E muitas hipóteses foram expressadas.

Parece que “A fita branca”, mesmo sem explicitar, nos convoca a concordar com uma teoria. A teoria de que o estilo de vida, a educação, a moral severa, estas bastantes vinculadas à agressividade, tenham repercutido no ímpeto dos sujeitos a também exercer a mesma agressividade severa sobre os outros. Wilhelm Reich formulou esta hipótese, a de que uma vida tomada por repressões demasiadas necessariamente repercute em neurose grave, e é um fator determinante para a uma aderência à ideologia fascista.

“A fita branca” retrata uma comunidade alemã no início do século XX. Vários acontecimentos misteriosos giram em torno do tema da violência e da agressividade, outros nem tão misteriosos e até totalmente explícitos também giram em torno do tema da agressividade. É um filme angustiante, irritante, perturbador, e faz surgir em nós sentimentos de raiva e tensão agressiva. Indignamos-nos com tamanha repressão moral e religiosa impingida aos personagens do filme, principalmente às crianças, temos um verdadeiro sentimento de revolta

e absurdo. E pensamos, “não é à toa que estas pobres crianças, vinte anos mais tarde se tornaram os criminosos responsáveis pelo nazismo, pelo holocausto”. Quase que nos compadeçemos pelos futuros criminosos nazistas porque interpretamos diante dessas imagens que o mal tem uma raiz, tem um sentido. E neste caso, a raiz do mal que foi o nazismo está nitidamente representada nos modos de vida destes alemães. O interessante é que mesmo sem o explícito, fazemos rapidamente esta conexão.



Ao ser indagado e criticado pelo fato de o filme fazer “uma distorção performática que permite ao espectador flertar com a perspectiva de uma despolitização das raízes do nazismo e de uma germanização do próprio mal”, Haneke faz o seguinte comentário:

“Não ficaria feliz se esse filme fosse visto como um filme sobre um problema alemão, sobre o nazismo. Este é um exemplo, mas significa mais que isso. É um filme sobre as raízes do mal. É sobre um grupo de crianças, que são doutrinadas com alguns ideais e se tornam juízes dos outros – justamente daqueles que empurraram aquela ideologia goela abaixo deles. Se você constrói uma idéia de uma forma absoluta, ela vira uma ideologia. E isso ajuda àqueles que não têm possibilidade alguma de se defender de seguir essa ideologia como uma forma de escapar da própria miséria. E este não é um problema só do fascismo da direita. Também vale para o fascismo da esquerda e para o fascismo religioso. Você poderia fazer o mesmo filme – de uma forma totalmente diferente, é claro – sobre os islâmicos de hoje. Sempre há alguém em uma situação de grande aflição que vê a oportuni-

de, através da ideologia, para se vingar, se livrar do sofrimento e consertar a vida. Em nome de uma idéia bonita você pode virar um assassino.”

De qualquer forma, em seu discurso, Haneke não nega seu maniqueísmo, pelo contrário o reafirma. Retira a exclusividade do tema do nazismo, mas ainda sim, reforça a idéia de que o mal tem uma raiz, e mais, que o mal pode ser localizável.



A perspectiva, apontada para a psicanálise, de que o principal motivo da aderência ao nazismo tenha a ver com o fator libidinal na população alemã, no que diz respeito ao alto grau de tensão e repressão (perspectiva reichiana?), é bastante tentadora para nós. E ainda podemos somar a esta perspectiva, ainda outros fenômenos, também subsidiados pela psicanálise de que o sucesso do nazismo foi

motivado pela “identificação imaginária com um líder carismático e paternal” (perspectiva freudiana?). Ainda encontramos uma terceira hipótese com bases psicanalíticas: a da identificação simbólica dos sujeitos entre si através da captação da semelhança de traços entre eles, uma questão de construção de semblantes.

A crítica à Haneke baseia-se no fato de que sua produção, bem como a maior parte do que se produziu culturalmente a respeito do nazismo, segue a linha de que há uma germanização, genética inclusive, no que diz respeito ao nazismo. Sempre aí sugerido o princípio maniqueísta de interpretação do fenômeno, representado de forma espetacularmente teatral.

Mas o fato é que gostamos da idéia de buscar um sentido, principalmente para aqueles acontecimentos que, queremos crer, podemos mantê-los controlados e quem sabe distantes. Fazemos, como dizemos na psicanálise lacaniana, um movimento do tipo *à-pres-coup*, depois de acontecido o fenômeno 2, buscamos como sentido um fenômeno primeiro, o 1. É só no depois que podemos, ou melhor, que

pensamos poder reconhecer o que motivou tal acontecimento. Não é raro podermos observar na vida cotidiana, a atitude humana de querer buscar as causas para os acontecimentos da vida. Procurarmos as causas para os acontecimentos da própria vida, bem como para os da vida coletiva, da sociedade. É claro que algo tão desmesurável como foram o nazismo e suas consequências, como o holocausto, queremos compreendê-los. Temos a crença de que se compreendermos os motivos que levam à determinada situação, podemos mantê-los sobre controle. Temos a idéia de que o saber nos possibilita o controle. Em relação ao nazismo, queremos compreendê-lo, saber o que lhe tornou possível para que possamos manter afastado de nós tal possibilidade.

O filme nos conduz a compreensão de que o mal-estar da vida dos personagens seria uma boa motivação para o nazismo, e então, com boa fé, acabamos gostamos da idéia de que se tratarmos bem nossas crianças e se não nos reprimirmos tanto manteremos o mal à distância. Haverá algo que nos garanta o não encontro com o devastador?

GRESIELA NUNES DA ROSA
Psicanalista
Professora / Universidade Barriga Verde – UNIBAVE

O Suplemento Cultural é uma publicação do Tribunal de Justiça de Santa Catarina.

Sua periodicidade é anual e seu objetivo é a apresentação de artigos não científicos, poemas, crônicas, fotografias, contos, ensaios, críticas de cinema, críticas literárias e demais peças literárias e artísticas, bem como propagar textos que promovam a consolidação da memória institucional e o registro da contribuição da Justiça Estadual ao exercício da cidadania.

Os interessados em publicar no Suplemento devem encaminhar material para o endereço eletrônico:
ajsuplementorevista@tjsc.jus.br.

Maiores informações sobre a publicação estão disponíveis no site www.tjsc.jus.br/academia.

suplemento cultural

Suplemento Cultural da Revista da Academia Judicial do *julho/2011*
Tribunal de Justiça de Santa Catarina

A Academia Judicial do Poder Judiciário de Santa Catarina apresenta ao público a segunda edição do Suplemento Cultural de sua Revista Científica.

Além de romper com o conservadorismo que muitas vezes admite apenas uma forma de ver e praticar o Direito, pensou-se em ensejar a magistrados e servidores um veículo de manifestação cultural, propiciando a todos a criação artística e a expressão intelectual de outros saberes e percepções objetivas e subjetivas sobre o mundo.

Sempre guiado por ideais, o Suplemento Cultural da Revista Científica da Academia Judicial aposta na evolução cultural, na expressão artística e na qualidade do conhecimento como formas de possibilitar a melhora da vida em coletividade e de se solidificar os alicerces da democracia como forma de convivência.

ISSN 2179-376X



9 772179 376002